

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES - PPGLA

A LINGUAGEM DO *CARETAS*: UM OLHAR ENTRECruzADO

BLÁS TORRES NETO

Manaus/AM

2014

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES – PPGLA

A LINGUAGEM DO *CARETAS*: UM OLHAR ENTRECruzADO

BLÁS TORRES NETO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Matos.

Manaus/AM

2014

"A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências. O homem que não tem os olhos abertos para o misterioso passará pela vida sem ver nada".

Albert Einstein

Para os meus pais Blás Tôrres Filho (in memoriam) e Elvira Pinheiro Natali

AGRADECIMENTOS

Nesta intrincada jornada de mestrando, inúmeras pessoas estiveram presentes e me incentivaram durante todas as ocasiões.

Deus, acima de tudo e de todos e figura primordial do processo, me iluminou e me encaminhou, oferecendo-me a lucidez imprescindível para que obtivesse êxito.

Minha mãe, dona Elvira, que me ensinou sempre que obstinação, humildade, ética e sinceridade congregam o caráter e moldam a essência do ser humano. Muito Obrigado!

Eu amo a senhora!

Os meus amores, minhas irmãs Betty e Keila, minhas sobrinhas Sarah Vitória e Lídia Helena, meus filhos Bline e Pedro, meu estimado Flávio e minha namorada Rosana, que compartilharam períodos espinhosos, suportaram e partilharam os momentos de suplício e de alegria desse percurso. Obrigado por acreditarem e constituírem essa parceria comigo. Foi extremamente positivo e afável da parte de vocês.

Não poderia esquecer as minhas grandes amigas e companheiras de trabalho, Ligiane Bonifácio, Lucila Bonina e Hadassa Damasceno que sabem o quanto é difícil essa etapa e o quanto é importante ter alguém para conversar sobre questões de caráter acadêmico. Obrigado minhas queridas!

Outras pessoas importantes, que direta ou indiretamente, procuraram demonstrar confiança e me motivaram diariamente quanto à importância deste trabalho de pesquisa. Além dos demais colegas de profissão. Muito obrigado, companheiros!

A Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério, em especial a figura da minha antiga gerente Márcia Melo, assim como, minha antiga chefe Samira Santos, a minha atual gerente Rosa Eulália Vital, a minha atual chefe Jecicleide Nascimento e a Coordenadoria Distrital de Educação 01, em especial a figura da minha coordenadora adjunta Socorro Moura e da minha coordenadora geral Chirley Costa. Muito obrigado, educadoras!

Meu muito obrigado também ao meu caro orientador, que em diversos momentos me expôs de diferentes formas o quanto é importante a investigação, a reflexão e processo de produção intelectual. Aprendi bastante com o senhor, professor Maurício Matos.

A minha banca formada pelos professores doutores Neliane Alves, Allison Leão e Juciane Cavalheiro pelas sugestões muito úteis na qualificação, em especial pelo estímulo, indicações de textos, dicas e pela contínua disponibilidade e simpatia ao longo dessa trajetória.

A LINGUAGEM DO CARETAS: UM OLHAR ENTRECruzADO

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma leitura reflexiva, à luz de determinadas ciências e disciplinas, das gravuras rupestres encontradas em um sítio arqueológico localizado no município de Itacoatiara (AM), às margens do rio Urubu, confeccionadas por culturas indígenas que se estabeleceram muito provavelmente próximas destes registros históricos. A investigação partirá de observações sobre as diversas formas de representações das gravuras conhecidas como “caretas”, procurando relacioná-las como manifestações de uma linguagem marcante das tradições visuais deixadas pelos habitantes ou visitantes daquela localidade e utilizará um olhar entrecruzado abalizado pela Arqueologia, Arte Rupestre, Etnolinguística, Etnoarqueologia, Iconografia, Iconologia e Semiótica como modelo teórico, visando resgatar e valorizar o patrimônio arqueológico amazonense.

Palavras-chave: Gravura Rupestre; Registros; Arte; Patrimônio; Cultura.

Abstract: The aim of this work is a reflective reading in the light of certain sciences and disciplines of rock carvings found in an archaeological site located in Itacoatiara (AM) on the banks of Urubu river, made by indigenous cultures that settled most likely near these historical records. Research leave comments on the various forms of representations of prints known as "straight", trying to relate them as manifestations of a striking visual language of the traditions left by visitors or inhabitants of that locality and use an authoritative look crisscrossed by Archaeology, Rock Art, Ethnolinguistic, Ethnoarchaeology, Iconography, Iconology and Semiotics as a theoretical model in order to recover and value the Amazon archaeological heritage.

Keywords: Engraving Cave; Records; Art; Heritage; Culture.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	04
RESUMO	05
SUMÁRIO.....	06
ÍNDICE DE FIGURAS	08
INTRODUÇÃO.....	10
1. ARQUEOLOGIA, ARTE RUPESTRE E ETNOLINGUÍSTICA.....	14
1.1 Arqueologia: Conceitos e Contextos Amazônico e Brasileiro	14
1.2 Patrimônio Arqueológico.....	17
1.3 Arte Rupestre: Evolução do Conceito	19
1.4 Arte Rupestre: Imagens e Símbolos.....	19
1.5 Etnolinguística e Etnoarqueologia: Noções e Contribuições.....	21
2. REVISITANDO O PASSADO E RESIGNIFICANDO SUAS MARCAS	29
2.1 Histórico das Pesquisas Arqueológicas em Itacoatiara/AM	29
2.2 Análise Geológica da Cidade de Itacoatiara	32
2.3 Sociedades Indígenas que Originaram a Cidade de Itacoatiara.....	34
2.4 O Enigmático Sítio <i>Caretas</i>	36
2.5 Relação Entre o Sagrado e a Arte Rupestre	39
3. BERNARDO RAMOS A OBRA <i>INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL E SUAS IMPRESSIONANTES INTERPRETAÇÕES</i>	43
3.1 Egipcios e phenicios: considerações sobre a prehistoria Americana e Amazonense em particular	45
3.2 Itacoatiara: suas importantes Incrições Lapidares.....	47
3.3 Rio Urubú: Suas Incrições e Tradições Prehistoricas, Gregas e Phenicias	49
3.4 Miracãnera (Necropole): Culto dos Phenicios aos deuses e aos defuntos	51
3.5 Urucará e Uatumã: Suas inscrições e considerações sobre a existência de sua Necrópole.....	53
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETATIVA.....	56
4.1 Iconografia e Iconologia: Concepções e Distinção.....	59
4.2 Semiótica: Linguagens e Significados	61
4.3 Os Símbolos e Empregos das Incrições Rupestres.....	63

5. OLHAR ENTRECruzADO DOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS COM INTENÇÃO DE RESGATE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS: CONTO: A NATUREZA DE UMA CERTEZA.....	86

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Pedra Pintada, ponto turístico da cidade de Itacoatiara (Blás Torres Neto 05/10/12).....	11
Figura 02: Pedra com gravuras rupestres, Sítio arqueológico <i>Caretas</i> localizado à margem do rio Urubu, na zona rural de Itacoatiara. (Blás Torres Neto 06/10/12).....	21
Figura 03: Sítio <i>Caretas</i> : AM-IT-31 – Croqui de Acesso – Página 109 (IN SITU Arqueologia. Relatório Final – Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM. Manaus, 2013.).....	37
Figura 04: Gravuras rupestres entalhadas em pedras de arenito, Sítio arqueológico <i>Caretas</i> localizado à margem do rio Urubu, na zona rural de Itacoatiara. (Blás Torres Neto 06/10/12).....	38
Figura 05: Inscrições de Sangay (Rio Urubú) – Página 11 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).....	45
Figura 06: Blocos com gravuras (Urucará) – Página 54 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).	47
Figura 07: Inscrição ao lado de baixo da cidade de Itacoatiara – Página 67 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).....	49
Figura 08: Inscrição do Rio Urubú (Amazonas) – Página 105 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).....	51
Figura 09: Miracãuera (Necrópole) – Página 161 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).	53
Figura 10: Blocos com figuras esculpidas (Urucará) – Página 300 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).....	55
Figura 11: <u>A suposta inscrição fenícia da pedra da Gávea (Rio de Janeiro/RJ) – Fonte: http://static.panoramio.com/photos/large/10343814.jpg.</u>	56
Figura 12: Tradução da inscrição encontrada na pedra da Gávea (Rio de Janeiro/RJ), por Bernardo Ramos. Na primeira linha, caracteres fenícios destacados da inscrição da Gávea, que o Prof. David J. Peres supôs serem caracteres gregos – Página 15 (LIMA, Vivaldo. A Inscrição da Gavea. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do “Jornal do Brasil”, 1933).	58
Figura 13: Localização do Sítio <i>Caretas</i> no rio Urubu em Itacoatiara AM (Fonte: Google Earth 20/10/2012).	68

Figura 14: Localização e informações sobre o Sítio <i>Caretas</i> no rio Urubu em Itacoatiara AM (Fonte: Google Earth 20/10/2012).	68
Figura 15: Uma das principais pedras do sítio, onde inúmeras gravuras retratam diferentes rostos ou caretas, como são conhecidas no local, figuras entalhadas em baixo-relevo algumas em formato circular e outras semicirculares (Blás Torres Neto 06/10/12).....	69
Figura 16: Observamos nesta rocha outros três rostos gravados de forma rudimentar também em baixo-relevo e traçados em formato oval (Blás Torres Neto 06/10/12).	70
Figura 17: Outro monolito bastante intrigante nesse pedral, posicionado sobre outras rochas, apresenta na sua lateral inúmeras carinhas em baixo-relevo e formato circular, algumas contendo braços e pernas esculpidos (Blás Torres Neto 06/10/12).	71
Figura 18: Nesta rocha visualizamos rostos entalhados de maneira bastante sutil na lateral da pedra em formato circular, praticamente imperceptíveis, contudo, o que o que aguça a nossa curiosidade, seria justamente o fato do monolito estar incrustado na parede do barranco (Blás Torres Neto 06/10/12).	72
Figura 19: Observamos na rocha em detalhe, várias caretas entalhadas em baixo-relevo, cada uma com formato diferente, uma quadrada e com a boca vazada, outra semicircular e duas com feições praticamente indefinidas (Blás Torres Neto 06/10/12).	73
Figura 20: Este outro monolito diferentemente dos demais apresenta uma gravura não em forma de careta, mas traços de uma gravura que lembraria uma figura antropomórfica ou zoomórfica (Blás Torres Neto 06/10/12).	74
Figura 21: Outra curiosidade desse pedral, encontramos esta rocha parte submersa e com gravuras também em forma de rostos em baixo-relevo, circulares, especificando a careta do canto direto, a qual possui uma continuação em forma de espiral escondida na sua totalidade pela águas do rio (Blás Torres Neto 06/10/12).....	75
Figura 22: Esta rocha foge completamente ao modelo das encontradas no local, percebermos duas figuras em formato triangular e levemente esculpidas em baixo-relevo, além de um provável rosto antropomórfico ou zoomórfico percebido no canto superior esquerdo (Blás Torres Neto 06/10/12).	76
Figura 23: Pedra também com formas inusitadas, algumas sem uma definição de formato, outras semicirculares, trabalhadas possivelmente em alto-relevo, além de inúmeras ranhuras em várias partes da rocha (Blás Torres Neto 06/10/12).....	77
Figura 24: Visão panorâmica do sítio <i>Caretas</i> , inúmeras pedras dispostas sobre a margem do rio, outras dentro d'água e o mais curioso seria indagar a possibilidade de determinadas rochas terem sido talhados com o formato quadrado e retangular que muitas apresentam (Blás Torres Neto 06/10/12).	78

INTRODUÇÃO

Os povos ancestrais já se exprimiam artisticamente há milhares de anos. Apesar de imaginarmos que ainda não possuíam um código de símbolos alfabéticos, eram capazes de produzir o que chamaríamos de obras de arte do passado. Uma forma de expressão dessa técnica primitiva foi a arte rupestre, composta por representações gráficas como desenhos, símbolos e sinais, produzidos em paredes de cavernas pelos contemporâneos desse período pré-histórico. O homem da pré-história provavelmente utilizava-se dos desenhos que realizava nas paredes de suas cavernas para expor sua cultura e história. Suas representações artísticas exibiam os animais e pessoas do período em que vivia, além de evidenciar cenas de seu cotidiano (caças, rituais, danças, alimentação etc.). Outra maneira de demonstrar a arte praticada naquele período constitui-se nas esculturas em madeira, osso e pedra. Nessa linha de pensamento, Pereira afirma que “para ter significado arqueológico, o estudo da arte rupestre deve ser realizado em conjunto com as evidências materiais encontradas nos sítios da região” (2004, p. 232). Apenas dessa maneira será realmente possível observar a existência de elementos que permitam estabelecer relações entre a cultura material e os conjuntos rupestres (2004, p. 232).

A justificativa da pesquisa nasce de uma inquietação perene surgida quando passava as horas de lazer às margens do Rio Amazonas, próximo a uma pedra (figura 01) com inscrições rupestres, e imaginava quem as haveria feito, o que incitou a realização dos desenhos, principalmente porque aquele monolito não estava em um local de destaque, visto que representava literalmente o nome daquela cidade. Itacoatiara ou *Pedra Pintada*, na linguagem nativa, é onde encontramos, na principal entrada do município por via fluvial, um imponente pedral com escritos indígenas do tupi ou nheengatu, representando *itá*: pedra; e *coatiara*: pintado, gravado, escrito, esculpido; elementos que deram origem ao nome da localidade.

Apesar de um afastamento de mais de três décadas da região conhecida como *Velha Serpa*, as verdadeiras origens nunca foram esquecidas, e acompanhando à distância inúmeros festivais musicais promovidos no município, acabou-se criando uma forte identificação com a canção *Pedra Pintada*, de autoria de Armando de Paula e Aníbal Beça, homônima do significado do nome da cidade e que traz, em seus versos, exaltações à municipalidade de Itacoatiara e retrata, em suas letras, as alegorias locais, exemplificando a de maior importância para a cidade, a *Pedra Pintada*, extraída de um sítio arqueológico, além de algumas espécies de peixes da região, expressa também a

riqueza dos lagos da localidade e enaltece as características sociais da população, as quais são apresentadas em perfeita harmonia com a região amazônica.



Figura 01: Pedra Pintada, ponto turístico da cidade de Itacoatiara (Blás Torres Neto 05/10/12).

“Pedra Pintada”

Ita no telhado/ Pedra no começo/ Barriga de Cobra/ Abrigo de Cobre/ No imo da tribo/ A língua pintada/ Pintada na pedra: Itacoatiara.

Na verde coivara/ Tiara na rede/ Os peixes do sonho/ Arranham as franjas/ As águas tingindo/ Na linfa da carne/ O sangue encarnado: Itacoatiara/

Ó lua de palha/ Luz no tapiri/ Chão Marupiará/ Pedra Yapinari

Dureza de rocha/ Na cara da pedra/ Na cara pintada/ Ruídos escancara/ Os dentes roídos/ Trincando sorrisos/ No trinco das mágoas: Itacoatiara

Jenipapo preto/ Urucum vermelho/ Verde Samaúma/ Solimões de ver/ Travoso tempero/ Do limo entravado/ Na malha da pele: Itacoatiara

Ó lua de palha/ Luz dessa seara/ Pedra na cadeia Itacoatiara.

(DE PAULA, Armando; BEÇA, Aníbal. FECANI – 2. São Paulo: BMG ARIOLA DISCOS: 1994. 2 discos).

A forma como o município e os seus símbolos foram expressos pelos autores reforçou ainda mais o anseio em desenvolver uma investigação e posterior análise pictórica dos principais registros arqueológicos encontrados naquela localidade,

oportunizando uma revisita ao passado a partir de uma interpretação iconográfica, iconológica e etnolinguística da arte rupestre dessa cidade histórica, especialmente a localidade conhecida com sítio arqueológico *Caretas*, considerando, inegavelmente, a premissa arqueológica, pois, segundo Figueiredo e Pereira, “a Arqueologia pode ser entendida como o estudo da cultura material em sua relação com o comportamento humano, as manifestações físicas das atividades do homem, seu lixo e seu tesouro, suas construções e seus túmulos” (2007, p. 03). Desta forma, a arqueologia também se ocupa do ambiente em que o gênero humano se desenvolveu e no qual o homem ainda continua vivendo. Apreciando que isto pode incluir fatores sobre os quais ele tem pouco ou nenhum controle, como o clima, as marés, pode incluir também o modo como o homem, entre outros animais (mas numa extensão muito maior do que, por exemplo, os castores), transformou a paisagem, o mundo animal e, recentemente, a atmosfera; e a química do mar, dos lagos e dos rios (2007, p. 03).

De acordo com estudos recentes promovidos por uma equipe de arqueólogos coordenados pelo pesquisador Bruno Moraes, certas inscrições rupestres encontradas no perímetro urbano e rural do município de Itacoatiara possuem entre 4 e 5 mil anos de história, expressões que fugiriam de serem identificadas como das comunidades indígenas que deram origem à cidade, como os índios Muras, Juris, Abacaxis, Anicorés, Aponariás, Cumaxiás, Barés, Jumas, Juquis, Pariguais e Terás. Então quem as teria confeccionado? Qual a importância destas marcas para o processo de formação da cultura local? E afinal, o que elas realmente querem nos mostrar?

O objetivo deste trabalho não é responder exatamente a todos esses questionamentos, mas através do diálogo entre várias ciências resgatar um passado até pouco esquecido, reconhecê-lo e principalmente promover uma cultura de preservação do patrimônio deixado por antigos povos amazônicos, partindo de um levantamento bibliográfico de obras que versem sobre a arte rupestre. Da mesma forma, pretendeu-se realizar uma análise etnográfica e iconológica *in loco* das marcas históricas deixadas pelos antigos ocupantes da área do atual sítio arqueológico *Caretas*, identificando e procurando interpretar a arte rupestre com tentativa de representação das figuras divinas repassadas até hoje pela linguagem oral, além de investigar a possível influência desses registros históricos na formação de algumas sociedades indígenas que em um passado remoto ocuparam ou estiveram na localidade do sítio arqueológico.

A pesquisa se apresenta como de cunho exploratório, compreendendo num primeiro momento uma investigação bibliográfica, tendo como ponto de partida a realização de

um estudo sobre obras relacionadas à arqueologia, à etnolinguística e à arte rupestre. Num segundo momento, toma vez uma pesquisa de campo, em que têm lugar registros fotográficos de gravuras rupestres do sítio arqueológico *Caretas* no município de Itacoatiara, além da análise documental desses registros históricos, empreendida no lócus da pesquisa, para considerar a possibilidade destas marcas históricas, representarem manifestações dos povos indígenas quanto às suas divindades tidas como mitos e lendas pelo observador estrangeiro. Passa-se, pois, à apreciação de assuntos complementares ao tema, concluindo com o levantamento de uma hipótese sobre o significado da estrutura do sítio arqueológico *Caretas*, situado às margens do rio Urubu.

1. ARQUEOLOGIA, ARTE RUPESTRE E ETNOLINGUÍSTICA

A apreciação dos propósitos teórico-metodológicos da pesquisa sustenta-se na leitura de autores das ciências e disciplinas escolhidas para compor a base deste trabalho, observados através de um olhar entrecruzado, o qual contribuirá de maneira significativa para a elaboração de uma hipótese sobre o que pretendemos qualificar como a intenção na construção da estrutura do sítio arqueológico *Caretas*, localizado na margem esquerda do rio Urubu, no município amazonense de Itacoatiara. O escopo da análise configura-se como um ensaio de compreensão da linguagem que os povos ancestrais puderam deixar nas gravuras rupestres do sítio *Caretas*, além de considerar as gravuras sob uma perspectiva de comunicação, apesar da complexidade dos signos e caracteres encontrados em uma extensão, segundo o relatório *Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM* (2013, p. 108), de 2.360 m², onde se encontra um afloramento de blocos de arenito¹, localizados na beira do rio e submersos durante a época das enchentes.

1.1 Arqueologia: Conceitos e Contextos, Amazônico e Brasileiro

Pereira e Figueiredo afirmam que “os vestígios arqueológicos da Amazônia sempre despertaram muita curiosidade” (2005, p. 01). Pesquisadores amadores e especialistas encantados pelo exotismo e principalmente pela beleza dos artefatos arqueológicos amazônicos constituíram, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, respeitáveis coleções numa época em que, segundo Pereira e Figueiredo:

Os interesses da pesquisa convergiam principalmente para a coleta de belas peças, preferencialmente, inteiras para serem guardadas em Museus. Os longínquos rincões de onde essas peças eram retiradas e a dificuldade de chegar até eles não constituíam necessariamente um estímulo a sua visitação. Tampouco era de interesse dos pesquisadores que esses locais fossem visitados (2005, p. 01).

¹ “Arenito é uma rocha sedimentar que resulta da compactação e litificação de um material granular da dimensão das areias. O arenito é composto normalmente por quartzo, mas pode ter quantidades apreciáveis de feldspatos, micas e/ou impurezas. É a presença e tipo de impurezas que determina a coloração dos arenitos; por exemplo, grandes quantidades de óxidos de ferro, fazem esta rocha vermelha.” (*Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, 1999).

Nessa perspectiva, traçou-se um roteiro de observação, conjecturando sobre a forma como a arte rupestre se configurou ao longo dos anos, norteando posições sobre o processo de formação das sociedades e consolidando questões teóricas que serviram de base para uma posterior análise dos elementos físicos registrados, considerando a luz de um possível novo prisma, feições ainda desvalorizadas pelo senso comum. Como base arqueológica de interpretação, Figueiredo e Pereira (2007, p. 04-05) classificam os sítios arqueológicos da seguinte forma:

01. Sítios cerâmicos – geralmente localizados nas margens dos rios, estes sítios tem como principal característica a abundância de fragmentos cerâmicos encontrados em solo de terra preta (de origem antrópica). Na Amazônia, os locais com terra preta, são comumente associados a sítios arqueológicos. Entre os sítios cerâmicos existem aqueles dedicados à moradia (sítio-habitação), a enterramentos (sítio-cemitério) ou as duas atividades.

02. Sambaquis – Sítio arqueológico cuja composição predominante é de conchas. Apresenta-se como uma pequena colina arredondada, constituída quase que exclusivamente por carapaças de moluscos. Os sambaquis podem chegar a 30 metros de altura.

03. Sítios com arte rupestre – na Amazônia os sítios com pinturas rupestres estão situados em serras ou em locais distantes dos grandes cursos d'água. As pinturas têm como suporte paredões a céu aberto e paredes de abrigos e cavernas. A grande maioria dos sítios com gravuras rupestres na Amazônia está situada junto aos cursos d'água, geralmente nos afloramentos rochosos localizados próximos a cachoeiras. Mas também se encontram gravuras rupestres em abrigos e cavernas localizadas em serras e em extensos lajeiros próximos ou não dos rios.

04. Sítios líticos – São locais onde o principal vestígio arqueológico são artefatos produzidos em pedra ou locais onde as rochas apresentam marcas de utilização para a confecção de objetos como o caso dos amoladores e afiadores. Os sítios líticos podem ter tido ocupação permanente ou temporária (sítios oficina = locais onde se encontram apenas evidências da fabricação de artefatos).

Em seu trabalho sobre arqueologia amazônica, especificamente sobre a bacia do Rio Negro, Valle – ao apresentar alguns dados iniciais sobre o panorama das marcas históricas como petróglifos e gravuras rupestres – diz que se trata de “uma área pouco conhecida da arqueologia amazônica, onde se está desenvolvendo atualmente um esforço de pesquisa incipiente sobre o tema, marcadamente no baixo e médio curso da

bacia” (2008, p. 319), evidenciando o pouco interesse desta temática, diferente do que ocorre no contexto nacional, onde, segundo Funari, “a Arqueologia tem uma longa tradição [...], tendo iniciado como uma prática acadêmica logo após a Independência, em 1822, sob a tutela financeira da Corte Imperial” (2002, p. 131). A transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, como uma estratégia diante das conquistas napoleônicas, acabou resultando na implantação, em terras tropicais, de uma elite típica do Antigo Regime europeu, que impôs um discurso imperial a respeito das origens nobres do poder colonial. Indivíduos subordinados, como a maioria da população escrava, estiveram fora deste discurso sobre a origem e as raízes civilizadas dos “bravos” conquistadores portugueses (2002, p. 131-132).

Para Funari, “a sociedade é caracterizada por contradições sociais, lutas e conflitos de interesse, então os membros dos grupos subalternos e dos grupos dominantes estarão sempre em oposição, e cada arqueólogo terá de decidir do lado de qual se colocará” (2002, p.145). Essas observações realçam que “o engajamento com a sociedade é um aspecto definidor do trabalho do arqueólogo, principalmente daquele que busca manter uma posição crítica no que concerne às condições sociais do país onde trabalha”. Nessa linha de abordagem, Pereira e Figueiredo observam que “nos últimos anos a pesquisa arqueológica no Brasil começou a ganhar espaço na mídia, o que tem contribuído para aumentar a popularização dessa ciência junto ao público em geral” (2005, p. 02), visto que os resultados das pesquisas deixam o mundo acadêmico e passam a atingir um público maior.

Sobre a importância da pesquisa arqueológica na região amazônica, Pereira assegura que “a Amazônia brasileira sempre esteve à margem dos estudos sobre arte rupestre, pelo menos desde que os estudos sistemáticos feitos por arqueólogos tiveram início, a partir dos anos de 1950” (2010, p.261). Atualmente percebemos que este quadro tem se modificado, pois as pesquisas têm evidenciado uma região com enorme potencial em arte rupestre, incluindo enormes locais completamente inexplorados. Falta, contudo, segundo Pereira, “contextualizar cultural e temporalmente esses registros e analisá-los em conjunto com as outras evidências materiais do sítio e/ou do seu entorno, para que eles passem a ter significado arqueológico” (2010, p.261), e seria importante um tratamento específico quanto à análise desse material, pois Pereira assevera que

O fato de existirem temas coincidentes e estilisticamente semelhantes entre representações rupestres (formas gráficas) e decorações de

objetos cerâmicos (formas tridimensionais) provenientes de uma mesma região ou de áreas muito próximas entre si, deve ser tratado com um pouco de cuidado. Não se trata de estabelecer uma associação direta entre a cerâmica e a arte rupestre, mas um ponto de partida na procura de elementos que possibilitem contextualizar a arte rupestre de determinada região (2010, p. 263).

No ambiente acadêmico e principalmente na produção no âmbito da Arqueologia brasileira, Reis percebe que “o lugar da teoria na Arqueologia brasileira é ainda motivo de indefinições, de resistências” (2003, p. 11-12). O autor nos apresenta a Arqueologia Histórico-Cultural (AHC), da qual podemos inferir que suas demandas sirvam para nortear boa parte das pesquisas arqueológicas durante meados do século XIX e, também, a primeira metade do século XX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos e certifica que se trata de “uma pesquisa sobre vestígios arqueológicos visando à elaboração de linhas gerais de tempo em relação aos principais eventos e mudanças culturais de sociedades pré-históricas de uma determinada região, identificando áreas e estágios culturais” (2003, p. 79). Esses estágios tiveram fundamental influência no núcleo da elaboração teórica da AHC, a qual tinha por meta definir quais aprendizados tinham sido atingidos pelas inúmeras culturas estudadas em diferentes partes do mundo, usando dados arqueológicos como guia.

Como fundamentação teórica, Reis (2003, p. 79) salienta que a Arqueologia Histórico-Cultural utilizou-se basicamente de três caminhos, os quais balizaram e estimulariam as mudanças a nível social:

- a) Invenção: coisas novas ou novas maneiras de se fazer coisas;
- b) Difusão: transmissão das invenções de um grupo a outro ou de uma região a outra. Frequentemente, uma trajetória que implicava em modificações e/ou acréscimos ao longo do caminho e/ou através da passagem do tempo;
- c) Migração: movimento de pessoas de uma região para outra, provocando ou não o deslocamento de grupos humanos já anteriormente assentados, bem como acrescentando velocidade na difusão de novas ideias, de novos instrumentos, de novas maneiras de se fazer coisas.

1.2 Patrimônio Arqueológico

Os achados pré-históricos ocorridos em diversas regiões do Brasil vêm se transformando em notícias dos mais variados veículos de comunicação, atingindo

inclusive um alcance internacional. Contudo, apesar dessas descobertas serem protegidas por leis federais, estaduais e municipais², Pereira e Figueiredo alertam que “o gerenciamento desse patrimônio ainda deixa muito a desejar” (2005, p. 04). A retomada do hábito da formação de coleções arqueológicas por leigos que, por sua vez, incrementa o mercado ilícito de compra e venda de peças arqueológicas é um exemplo do não cumprimento da legislação. Acrescente-se a isso a divulgação prematura de sítios sem que tenham sido feitos os estudos necessários ou onde não tenha sido implementada uma infraestrutura que permitisse sua visitação pública sem riscos ao sítio e ao próprio visitante (2005, p. 04).

Em sua abordagem sobre o patrimônio arqueológico da região amazônica, Neves afirma que, “atualmente, a arqueologia amazônica passa por uma fase de avanço, com a formação de novos profissionais atuando em diferentes setores” (2005, p. 61). Todavia, localidades fundamentais para uma correta compreensão da ocupação pré-colonial da região são ainda pouco conhecidas, como é o caso de áreas dos estados de Roraima, Acre e Rondônia – o caso de Roraima foi, provavelmente, uma espécie de elo entre as sociedades ajustadas ao longo da calha do Amazonas e Negro, chegando até mesmo às sociedades do litoral das Guianas.

Segundo o autor, a principal ameaça ao patrimônio arqueológico da região Amazônica seria o veloz e desmedido crescimento populacional que aconteceu nos últimos anos. Na área periférica da cidade de Manaus, por exemplo, que possui atualmente próximo de dois milhões de habitantes, são corriqueiros o desinteresse e destruição de sítios arqueológicos muito antes que tenham sido catalogados e analisados. Pereira salienta ainda que, “ao mesmo tempo em que os estudos sobre as pinturas e gravuras começam a contribuir com uma série de novas informações sobre a pré-história da região, surgem também graves problemas relacionados com a preservação desses sítios na Amazônia” (2004, p. 233), esses problemas apresentam suas raízes relacionadas aos fatores naturais (cupins, fungos, vespeiros, intemperismo, queda natural do suporte etc.), para o que, dependendo do agente danificador, seria possível encontrar soluções técnicas que detivessem o desgaste do sítio. Outra origem seriam os fatores antrópicos, em que o problema mais comum é o grafite. Quanto a isso,

² Citamos entre outras a Constituição da República Federativa do Brasil, a Lei Federal nº3.924 de 26 de julho de 1961, o Código Penal Brasileiro (parte especial, Título III – Dos crimes contra o patrimônio), a Portaria nº 07, de 01 de dezembro de 1999 do então SPAHN, a Resolução CONAMA nº001, de 23 de janeiro de 1986 e a Portaria nº230, de 17 de dezembro de 2002 do IPHAN.

Pereira alerta que “as paredes de abrigos e grutas com pinturas e gravuras pré-históricas, infelizmente, fazem parte da lista de suportes grafitados/grafitáveis” (2004, p. 233). Outras situações belicosas no processo de preservação patrimonial, segundo Neves, seriam “o desmatamento em larga escala, a mineração sem controle, o turismo predatório e o contrabando de antiguidades” (2005, p. 61). A destruição desse patrimônio é trágica, pois impede, de acordo com o autor, que possamos conhecer como, no passado, outras sociedades lidavam com as oportunidades e desafios que a ocupação da Amazônia oferece. Tais lições poderiam, inclusive, ser úteis à sociedade brasileira contemporânea (2005, p. 61).

1.3 Arte Rupestre: Evolução do Conceito

Em diferentes estudos sobre o que se convencionou chamar de “arte rupestre”, passa-se por um processo chamado de evolução de conceito, sobretudo no campo arqueológico, pois empregam termos distintos para as conhecidas pinturas rupestres, que, por conseguinte deduz uma metodologia e marcos teóricos, os quais demonstram uma intenção de adequação a uma possível observação deste objeto de estudo. Quanto ao debate atual deste conceito Silva alega que ainda hoje alguns usos correntes da terminologia para a pintura rupestre estão mais diretamente relacionados a um sentido interpretativo, isto é, ao que o próprio termo induz como significado do objeto, tais como: arte rupestre — uma valorização de conteúdo artístico; pictoglifo — escrita pintada, remete à grafologia; petroglifo — escrita na pedra, também remete à grafologia; figura — denota exemplos figurativos, ícones; grafismos — como sinais gráficos, discurso, mais usual para os murais urbanos, elaborados pelos denominados “grafiteiros”. Implica um abstracionismo não cognificável: inscrição rupestre — escrita na pedra, o mesmo sentido de pictoglifo e petroglifo; gráfico — icônico — como se a representação quisesse descrever aquilo que se vê, destituída de simbolismos que a sociedade, autora dessas pinturas, quisera representar (2004, p. 02-03).

1.4 Arte Rupestre: Imagens e Símbolos

A análise de uma imagem pode nos mostrar que nem sempre representa exatamente aquilo que compõe, considerando que no sentido contrário de sua descrição formal poderia conter elementos simbólicos ocultos, cujos significados não são claramente

possíveis de serem percebidos, uma vez que, segundo Silva, “são desconhecidos seus códigos e/ou significantes, salvo se recorrer a testemunhos etnográficos ou a correlações arqueoastronômicas — que por analogias, podem ser testemunhos diretos do significado das representações” (2004, p. 04).

A arte rupestre representa manifestações individuais e coletivas de povos que de uma forma ou de outra defenderam suas tradições através de registros pictóricos realçados em diferentes formatos, e Schaan interpreta que “a arte funciona como um código que é parte da cultura, e estudos etnográficos podem nos ajudar a construir um quadro teórico para estudar projetos pré-históricos como uma linguagem em sua coerência e estrutura orgânica” (1997, p. 02). A autora ressalta também que se assumirmos que na origem da arte pré-histórica há uma preocupação com a transmissão de conceitos cosmológicos relacionados a um repertório especial mítico, então nós temos que admitir que qualquer expressão gráfica, apresenta uma organização semelhante àquela que o gerou (1997, p. 02). Em suas considerações sobre a imagem e seu emprego Brandão afirma que

Um aspecto positivo proporcionado pelos Best Sellers, cuja temática gira em torno da imagem, é que, apesar das polêmicas suscitadas e da ausência de uma preocupação iconológica, trouxeram à tona um fato há muito esquecido: a leitura de imagens de tempos extemporâneos e suas possíveis implicações pelo grande público (2010, p. 04).

Observações que fundamentaram o anseio de realizar análises iconográficas de marcas históricas descobertas em um sítio arqueológico localizado no Município de Itacoatiara, estado do Amazonas, encontrado na margem direita do Rio Urubu, distante aproximadamente 31 quilômetros da sede da municipalidade, conhecido com o Sítio *Caretas*, local, segundo Farias na reportagem eletrônica “Gravuras têm mesmo padrão em Manaus, Silves e Itacoatiara” (2010), onde foram achadas aproximadamente 400 gravuras rupestres expressas através de desenhos que representam faces humanas de diversas formatos, contornos e estilos em uma extensão de pouco mais de um quilômetro, as quais provavelmente evidenciam os diferentes períodos históricos e as prováveis culturas que viveram ou descobriram aquele conjunto de pedras dispostas na encosta de um barranco (figura 02).



Figura 02: Pedra com gravuras rupestres, Sítio arqueológico *Caretas* localizado à margem do rio Urubu, na zona rural de Itacoatiara. (Blás Torres Neto 06/10/12).

Para Brandão, “falar em imagem seria o mesmo que falar em homo sapiens, pois ela está de tal forma inserida na e com a humanidade que seria pouco provável imaginar esta alijada daquela” (2010, p. 05). Do mesmo modo, a imagem é a representação de determinada cultura humana anterior às pinturas rupestres surgirem nas paredes das cavernas, milhares de anos antes do nascimento daquilo que conhecemos como registro fonético do λόγος (lógos) pela escrita. Brandão confirma que a imagem pode ser tanto a representação de uma realidade visível e sensível externa à consciência do homem (desenhos, pinturas, fotografias), quanto sua representação interna, mental (sonho, devaneios, pensamentos); ou ainda quando as realidades externas e internas funcionam como recurso linguístico e o homem faz a associação inconsciente ou indireta de dois mundos ou duas realidades separadas no tempo e no espaço, como no texto literário. Assim, as imagens endógenas são dirigidas ao próprio intelecto de onde emanam; ou concebidas a partir de estímulos externos – exógenas (2010, p. 05).

1.5 Etnolinguística e Etnoarqueologia: Noções e Contribuições

Os chamados estudos etnolinguísticos direcionam suas análises principalmente nas comunidades indígenas. Considerar sua linguagem e como ela está conectada às

peculiaridades do seu modo de vida, suas crenças e folclores. Para Lima Barreto, “Etnolinguística é uma disciplina que tem causado confusões no que tange à terminologia, bem como ao seu objetivo de estudo. Por isso, muitos estudiosos têm se dedicado à definição de seus fundamentos e suas tarefas” (2010, p. 06). Normalmente é idealizada como a disciplina que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade. Mais precisamente, Barreto define “como a disciplina linguística que estuda a variedade e a variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura” (2010, p. 06), além de abranger domínios tanto da Linguística quanto da Antropologia, não sendo considerada desta forma uma disciplina isolada e autônoma. Segundo Barreto, “ela se preocupa em investigar os relacionamentos entre língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação a este contexto e seu poder de expressão” (2010, p. 06). Observa-se assim, que é possível através da Etnolinguística, perceber de que forma a visão de mundo de um determinado grupo está relacionada às suas experiências. Barreto acrescenta que

As pesquisas etnolinguísticas datam do século XIX, quando os norte-americanos passaram a estudar grupos tribais e suas respectivas línguas, com o objetivo de identificar a sua organização, classificando-os linguística e etnicamente. Nessas pesquisas, cada sociedade e cada língua foram analisadas em particular, sem estabelecer relação entre as mesmas. Assim, não foi aplicado o método histórico-comparativo da linguística europeia (2010, p. 04).

Refletindo mais especificamente sobre o contexto indígena, Souza afirma que “calcula-se que à chegada dos portugueses, existiam no Brasil mais de mil povos indígenas, contando com uma população entre dois a quatro milhões” (2012, p. 173). Contingente bastante expressivo, principalmente se ponderarmos a respeito da antiguidade das marcas históricas encontradas no sítio *Caretas* no município de Itacoatiara (AM). Souza assegura que “no contexto dos países da América do Sul, é o Brasil onde se concentra a maior diversidade linguística e cultural” (2012, p. 174). Esta conjuntura se manifesta na ocorrência de inúmeros fenômenos que vêm merecendo a atenção especial dos estudiosos, tanto da linguagem como propriedade universal, como daqueles que se dedicam aos estudos das línguas naturais específicas. Segundo Rodrigues

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com

habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas (2002, p. 17).

Nessa linha de abordagem, Monserrat salienta que “as línguas indígenas constituem (...) um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil” (2002, p. 05). Desta maneira, percebemos que, em cada nova língua que é investigada, encontramos novas contribuições ao contexto linguístico, ou seja, cada nova língua seria outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. Monserrat (2002, p. 05) realça também que cada estrutura linguística descoberta leva-nos a modificar conceitos antes consolidados e pode abrir novos horizontes para a visualização macro do impressionante fenômeno da linguagem humana. De acordo com Rodrigues, “Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos” (2002, p. 17). Da mesma forma Rodrigues expressa que, “em certo sentido, as línguas isoladas representam tipos linguísticos únicos, em contraste com as línguas de uma família, cujas características básicas se reencontram em outras línguas da mesma família” (2002, p. 93). Igualmente entendemos que embora toda língua tenha propriedades únicas, essas acabam se perdendo quando determinada língua desaparece sem ter sido documentada. Essa perda é bem maior quando uma língua isolada se extingue. Diante deste fato Rodrigues pondera que

Perde-se então não apenas um conjunto de nomes e verbos com que se designam, como nas demais línguas, os objetos e as atividades familiares aos membros de determinada sociedade humana, mas se perdem, sobretudo, modos únicos de codificar a experiência social e o conhecimento humano, os quais sem dúvida integram um como patrimônio cognitivo da humanidade e têm importância crítica para a compreensão não só da linguagem, mas da própria capacidade cognoscitiva do homem (2002, p. 93).

Barreto afirma que “a linguagem está presente em todas as atividades humanas. Além de sua função principal de estabelecer comunicação entre os homens, ela é responsável pela sistematização de suas experiências em relação aos fenômenos do mundo” (2010, p. 02). De acordo com autor, a sociedade se constitui através da

linguagem, considerando que é devido à sua existência que o homem transmite tudo aquilo que aprendeu, conheceu ou experimentou a outras gerações de sua cultura. Certamente, a linguagem é responsável pela difusão de todo o acervo cultural reunido pela humanidade durante muitos séculos. De acordo com Rodrigues

A história das línguas do mundo tem sido uma história de sucessivas multiplicações, e só assim pode ter sido a história ou pré-história das línguas indígenas brasileiras. Uma consequência dessa história é que algumas línguas, embora substancialmente diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem reconhecê-las mais ou menos facilmente como descendentes de uma só língua anterior (2002, p. 18).

Rodrigues (2002, p. 18) também considera a possibilidade que na época da chegada dos primeiros colonizadores europeus ao Brasil, há mais de quinhentos anos, o total de línguas indígenas fosse provavelmente o dobro do que é hoje. A redução teve como principal causa o desaparecimento das culturas que as falavam, justamente em decorrência das campanhas de extermínio ou de caça a escravos, dirigidas pelos europeus e por seus descendentes e prepostos, ou por força das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas de forma involuntária (ou mesmo em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; pela diminuição progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, dos seus meios de subsistência, ou pela absorção, forçada ou incitada, aos usos e costumes dos colonizadores.

Para Barreto, “a análise da língua de uma determinada comunidade, partindo dos fatos linguísticos para os fatos extralinguísticos, permite conhecer melhor a realidade social desta” (2010, p. 08). Em decorrência desses fatores extralinguísticos, podem ser especificados inúmeros fenômenos linguísticos, como exemplo, o surgimento de determinadas formas linguísticas. Barreto também afirma que “no que tange ao léxico de uma língua, por exemplo, os estudos demonstram que este pode situar preferências culturais de uma dada comunidade, refletindo mais as coisas que estão diretamente ligadas à sua vida diária” (2010, p. 08). Nessa linha de raciocínio Mattoso Câmara afirma que “a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar a uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura” (1965 *apud* Lima Barreto, 2010, p. 04). Percebemos desta forma que, de acordo com a atividade de cada comunidade, seus membros terão a chamada especificidade lexical mais desenvolvida

nessa área, prevalecendo as menções aos objetos, materiais, ações, conceitos relacionados a esta atividade.

Minayo afirma que “quando escrevemos um projeto, estamos mapeando de forma sistemática um conjunto de recortes. Estamos definindo uma cartografia de escolhas para abordar a realidade (o que pesquisar, como, por quê?)” (2008, p. 34). Nessa etapa em que poderíamos chamar de reconstrução da realidade e na qual definimos um objeto de conhecimento científico e a forma como vamos analisá-lo, trazendo inúmeras dimensões. Abordaremos, a seguir, conceitualmente, os caminhos que nos levam até a Etnoarqueologia, procurando entender a importância e o significado destes estudos para formalizarmos a nossa pesquisa. Em seus estudos sobre a Etnoarqueologia, Silva define que “A etnoarqueologia trabalha com sociedades contemporâneas, buscando dados etnográficos para responder problemas de interesse arqueológico” (2009, p. 28). Esses elementos possibilitam a construção de modelos, a proposição de hipóteses e também inferências interculturais sobre a relação entre comportamento humano e o mundo material. Silva considera também que

Sua existência resulta do fato da arqueologia sempre ter empregado dados etnográficos na interpretação da cultura material. Seu desenvolvimento deve-se ao contínuo aperfeiçoamento dos métodos de obtenção dos dados etnográficos pelos arqueólogos, ao refinamento das interpretações e, especialmente, à ampliação dos temas de pesquisa sobre populações contemporâneas (2009, p. 28).

Segundo a autora, os primeiros ensaios de pesquisa etnoarqueológicas na Amazônia são observados desde 1876 nas obras de autores que se prestaram a recolher e resgatar dados etnográficos para decifrar os registros e evidências arqueológicas, tais como Barbosa Rodrigues (1876 e 1892), Goeldi (1906), Koch-Grünberg (1909) e Frickel (1961 e 1964). Comum entre eles sobressaiu a utilização da analogia, os quais relacionavam os contextos populacionais do presente com os do passado (2009, p. 29). Barbosa Rodrigues, inspirado na teoria do "uniformitarismo", acreditava na analogia, como os seus colegas do século XIX, partindo do seguinte pressuposto: "como na geologia, na etnografia, os fatos modernos nos explicam os antigos" (2009, p. 29). Da mesma forma qualifica que “na busca pelo entendimento da interação de longa duração entre populações e ambientes amazônicos, merece destaque a pesquisa interdisciplinar que tem somado dados arqueológicos, históricos, etnográficos e das ciências naturais” (2009, p. 29-30). Nessa conjuntura, a etnoarqueologia tem contribuído de forma

significativa para o entendimento de alguns processos culturais responsáveis pelo que podemos chamar de domesticação das paisagens.

Como podemos perceber já há algum tempo a relação entre arqueologia e etnologia está constituída na pesquisa dos processos histórico-culturais das culturas amazônicas. Contudo, muitos esforços ainda precisam ser investidos na pesquisa etnoarqueológica para contribuir efetivamente com as explicações relativas ao período da pré-história amazônica. Nesse sentido Silva certifica que “a Etnoarqueologia torna-se um instrumento fundamental para que se consiga apreender, no presente, as "estruturas antigas, profundas, que têm se reproduzido ao longo dos séculos"” (2009, p. 34). No entanto, isso não poderá ser realizado a partir da concepção da etnoarqueologia como analogia, pois se corre o risco de construir uma "visão simplificada, distorcida e etnocêntrica do registro arqueológico" e, ainda, das populações amazônicas do passado e do presente. É preciso considerar a etnoarqueologia na Amazônia como uma abordagem que ultrapassa a elaboração de modelos interpretativos para relacionar comportamentos do presente com os do passado. Ela deve ser vista como um instrumento que permite a constatação das possíveis variabilidades e transformações culturais ocorridas ao longo do tempo nos modos de vida dos povos amazônicos. (2009, p. 34-35)

Em outra corrente vigente da etnoarqueologia encontramos em David e Kramer as proposições de que “os etnoarqueólogos, geralmente, não se manifestam a respeito de sua perspectiva filosófica. Ainda assim, toda iniciativa antropológica tem lugar num contexto teórico no qual estão implicadas respostas às seguintes questões” (2002, p. 15). Os autores insistem nos seguintes questionamentos: Quais são as “coisas” que estudamos? O que constitui a “explicação” de nossas informações? Como “verificamos” nossas explicações? Existem “leis da vida social humana”? A Filosofia realista da ciência, em sua forma “sutil”, dá uma resposta a estas questões, que serve para orientar a investigação científica sem restringir excessivamente o seu alcance ou forçar-nos a fazer uma falsa ginástica intelectual. (2002, p. 15)

A partir dessas observações filosóficas os autores definem que os realistas são distintos entre três domínios:

a) o real: estruturas e processos que são frequentemente inobserváveis e podem ser compostos estratificados complexos (exemplos: genes, migração); qualquer coisa que possa ocasionar mudanças em coisas materiais é real;

b) o factual: eventos e fenômenos observáveis; complexos e conjunturas formados pelo real; e

c) o empírico: experiências e fatos gerados por nossa percepção carregada de teoria do factual.

Exemplificando de forma objetiva, lembremo-nos do Sol, como algo real e analisado de diversas maneiras, como luz, calor, ventos solares, manchas solares, etc., em que vivenciamos e assinalamos de várias formas, como fótons, como mudanças induzidas em chapas fotográficas e em nossa própria pele, e também como ondas de rádio. No caso dos fótons, estes podem ser empiricamente registrados, mas existe o questionamento, são eles partículas ou ondas? “Um processo de insolação é simplesmente uma implicação física da exposição ao sol, ou efeitos puramente físicos não existem? Ou mesmo, o pecado ou a bruxaria poderiam ser fatores causais?” As respostas segundo David e Kramer “dependem tanto da forma como o sol é observado quanto da perspectiva teórica do observador; este é um sentido no qual todos os fatos são carregados de teoria” (2002, p. 16) e definem também que “Os cientistas ocupam-se em identificar, definir, e explicar as coisas no domínio do real. Nós abordamos o real através da nossa leitura empírica do factual e de acordo com o conhecimento científico do momento” (2002, p. 16). Portanto, as teorias sobre o mundo real, mesmo que verdadeiras, nunca podem ser comprovadas; elas são sempre “subdeterminadas” pela evidência. Aqui se encontra a distinção entre o realismo “sutil” e o realismo “ingênuo”. Os realistas ingênuos não reconhecem a qualidade carregada de teoria das descrições e explicações; eles acreditam que podem ter contato direto com a realidade e alcançam um conhecimento que é seguro (2002, p. 16).

As suposições teóricas apresentadas endossarão a análise das gravuras rupestres confeccionadas em pedras de arenito provavelmente por culturas indígenas que outrora ocuparam uma região atualmente denominada sítio arqueológico *Caretas*, situado às margens do rio Urubu, no município amazonense de Itacoatiara. Gravuras que serão descritas e interpretadas como marcas históricas capazes de caracterizar a linguagem de comunidades possivelmente sem escrita, mas suscetíveis de transmitir para a posteridade, seu acervo cultural através de uma simbologia peculiar. Nessa linha de abordagem, Bruno e Santos afirmam que “as línguas indígenas, como as línguas de outros povos, são constituídas tanto pela sociedade na qual funciona como meio de comunicação, quanto pelo contexto de suas interações com outras línguas e faculdades cognitivas, nas mentes dos falantes” (2011, p. 08). Essa conexão entre sociedade *versus*

contexto é significativa para a compreensão da relação entre linguagem e ambiente, pois, segundo Bruno e Santos “descreve o contexto social e psicológico em que a língua se encontra” (2011, p. 08).

Bruno e Santos asseguram que “a linguagem é o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas. Não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também de gestos e imagens, pois não há comunicação apenas pela fala ou pela escrita” (2011, p. 15). Desta forma a linguagem poderia ser verbal, através da utilização de palavras, ou não verbal, que não se utiliza do vocábulo para se comunicar. Esta comunicação estabelece uma relação direta entre linguagem e cultura, o que, de certa forma, interfere na outra e vice-versa, ambas são intensamente vinculadas entre si. Bruno e Santos mencionam que

As línguas refletem a apreensão da realidade, por isso, cada língua ordena, de acordo com sua tradição, as formas e as categorias pelas quais as pessoas se comunicam, analisam a natureza, os tipos de relações, de fenômenos, o raciocínio e constroem a consciência. Na relação língua e cultura, existem dimensões no uso da língua ou na fala que somente podem ser capturadas estudando o que as pessoas fazem com a língua através dos usos das palavras, silêncio e gestos no contexto em que estes signos são produzidos (2011, p. 46).

Bruno e Santos colaboram efetivamente com a interpretação da linguagem encontrada nas inúmeras gravuras rupestres produzidas em rochas de arenito na localidade do sítio arqueológico *Caretas*, situado na margem esquerda do obscuro rio Urubu, na área rural do município de Itacoatiara, a partir da consideração que, “a língua é também um conjunto de recursos simbólicos que participa na constituição social do indivíduo e na representação que o mesmo tem do mundo” (2011, p. 46). Percebe-se que através do uso da língua, nós conseguimos criar diferenciações entre identidades coletivas e individuais. Invariavelmente, nessa relação entre língua e cultura, é necessário, especialmente, entender que as palavras são importantes, e que signos linguísticos são acima de tudo, representações e conexões com o mundo e não são neutros, e de acordo com Bruno e Santos “eles são sempre usados para construções de afinidades e diferenciações culturais” (2011, p. 46).

2. REVISITANDO O PASSADO E RESIGNIFICANDO SUAS MARCAS

Neste capítulo será apresentado um histórico das pesquisas arqueológicas da cidade de Itacoatiara/AM, tendo como base teórica o relatório *Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM* (2013, p.46-52), assim como, um relato das visitas ao sítio *Caretas*, também no município de Itacoatiara-AM, ressaltando o valor patrimonial e cultural dos achados históricos evidenciados em vários suportes, o certo é que, independente das manifestações encontradas, teremos material suficiente para deflagrarmos a primeira problemática alçada em nossa pesquisa, e por se tratar de uma provável comunidade indígena no passado, examinaremos quais as interpretações desses registros ancestrais e qual a influência na formação desta cultura aborígine local a partir das observações sobre duas culturas indígenas que deram origem ao município de Itacoatiara e que, muito provavelmente, ocuparam a região do atual sítio arqueológico *Caretas*.

2.1 Histórico das Pesquisas Arqueológicas em Itacoatiara/AM

Segundo o relatório *Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM* (2013, p.46-52), as referências mais antigas relativas ao município de Itacoatiara, no que se refere à arqueologia, estão intimamente relacionadas ao famoso sítio-cemitério, ou necrópole, de Miracanguera. Aquele sítio arqueológico de enormes proporções foi inicialmente mencionado por Barbosa Rodrigues, em uma de suas publicações sobre as “Antiguidades do Amazonas”, ofereceu um estimável espaço para descrever “A Necrópole de Mirakanguera” (1886). Sua localização, tal como informou Barbosa Rodrigues, estaria na margem esquerda do “grande rio” (Amazonas), entre a cidade de “Itakaotiara, antiga Villa de Serpa” e o furo do Arauató, que liga o rio Urubu ao Amazonas. O mesmo documento afirma que, desde as primeiras descrições, as urnas funerárias coletadas no sítio Miracanguera passaram a ser alvo de uma série de estudos posteriores, tais como Ermano Stradelli em 1883, Curt Nimuendaju (1926), Peter Hilbert (1968) e também Mário Simões (1979-1981). É interessante destacar como este sítio-cemitério permeia o imaginário científico desde então, sendo que os estudiosos já não mais encontraram o sítio, fazendo referência, somente, aos materiais outrora recolhidos. A maior motivação para as pesquisas arqueológicas no município de Itacoatiara foi, sem dúvida, o sítio-cemitério Miracanguera.

A enorme quantidade de material descrita por Bernardo Ramos e Barbosa Rodrigues, além de seu raro apreço estético, fez com que Curt Nimuendaju, pesquisador e coletor de materiais etnográficos e arqueológicos de importantes museus europeus, que financiavam suas pesquisas, ficasse profundamente interessado pelos sítios da área. No entanto, o investigador relata que não foi possível chegar até o local, pois o rio já havia erodido a totalidade do sítio arqueológico, o que acabou por fazer com que Nimuendaju localizasse outros sítios, procurando materiais similares. Além de Miracanguera, a arqueologia local foi referenciada em função de um sítio rupestre localizado na área urbana da cidade de Itacoatiara. Este sítio, denominado Juary, foi comentado por Bernardo Ramos no seu livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica: especialmente do Brasil”, indicando a presença de inúmeras inscrições em rochas, aflorando ao lado e em baixo da cidade de Itacoatiara. Outra menção ao mesmo sítio foi feita pelo italiano Ermano Stradelli, em 1883. Em meio as suas viagens, estudou as urnas de Miracanguera descritas por Bernardo Ramos e Barbosa Rodrigues, além de ter interpretado as inscrições da pedra de Itacoatiara, conferindo a elas uma origem não indígena.

Dentre aqueles que se dedicaram a pesquisas arqueológicas, Curt Nimuendajú é, sem dúvida, uma importante referência na literatura arqueológica da região, ainda no início do século XX. Tendo desenvolvido diversas pesquisas nos rios Urubu, Madeira, Paraná do Ramos e Amazonas, entre as décadas de 20 e 30, Nimuendaju localizou e registrou dezenas de sítios na região que hoje compreende as cidades de Itacoatiara, Silves, Itapiranga, Urucurituba, Urucará e São Sebastião do Uatumã. Suas primeiras asserções sobre proximidades de conjuntos estilísticos e sobre a possível ligação cultural entre os grupos indígenas que ali viveram e o material arqueológico encontrado são de grande valia para os estudos arqueológicos na região. Na própria cidade de Itacoatiara, em sua área urbana, o alemão P. Hilbert investigou os sítios cerâmicos do local. Durante as escavações ocorridas entre os anos de 1955- 1961, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi no Pará, Hilbert pesquisou o sítio de Itacoatiara com o objetivo principal de realizar alguns testes estratigráficos, aproveitando os movimentos de terra feitos para a implantação da Refinaria de Petróleo (COPAM). Os vestígios encontrados estavam relacionados à fase Itacoatiara com a predominância de incisões finas simples e duplas, modelados, acanalados, variados tipos de ponteados e policromia como decoração. Quanto à forma, os fragmentos faziam parte de vasos, urnas funerárias, adornos e vasilhas que, muitas vezes, combinavam diferentes tipos decorativos.

Em seus levantamentos, Hilbert tentou levantar as dimensões dos dois sítios urbanos em Itacoatiara: o Juary e o Colônia. Utilizando-se de sua escala gráfica, foi possível estimar espacialmente seus levantamentos para os dois sítios. Após cinquenta e cinco anos decorridos de sua pesquisa, hoje nos deparamos com uma paisagem urbana com superfícies impermeabilizadas, impressiona-nos a grande extensão da área estimada para estes dois locais. Posteriormente, o pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, Mário Simões, realizou duas expedições à região, em 1979 e 1981. Seus objetivos eram a complementação de pesquisas anteriores realizadas em regiões adjacentes, o qual buscava estabelecer as áreas de dispersão geográfica das duas grandes tradições ceramistas da Amazônia, Policroma e também da Incisa Ponteadá, além das rotas de migração e difusão, considerando também a influência dessas tradições sobre as fases locais e, finalmente, a elaboração de um quadro de desenvolvimento cultural da área desde os tempos pré-históricos até a conquista portuguesa. Mas esses dados não foram conclusivos, sendo que poucos resultados foram publicados.

Na década seguinte, no início dos anos de 1990, um novo estudo abordou essa área arqueológica. Embora tenha sido apresentado no Programa de Pós-graduação em pré-história da Universidade Federal de Pernambuco, esse trabalho de dissertação foi desenvolvido sob a égide das citadas expedições do MPEG e dos estudos anteriores de Mario Simões. Já no ano de 2004, a área foi alvo de um levantamento arqueológico realizado pelo IPHAN no âmbito do projeto Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas. O principal objetivo consistia em levantar informações sobre a localização, estado de conservação e relevância de sítios e coleções arqueológicas, para possibilitar o desenvolvimento de um plano de ação efetivo para a preservação do patrimônio. Os trabalhos tiveram a duração de dois dias, e se limitaram a visitar sítios já cadastrados e atualizar o banco de dados do órgão federal, identificar novos sítios e realizar uma correta distribuição dos sítios por município, incluindo as coleções e objetos arqueológicos. Foram identificados 14 sítios, incluindo aqueles anteriormente cadastrados por Simões, sendo a maioria localizada nas margens do rio Urubu.

Apesar do significativo aumento do contingente de pesquisas produzidas em território amazônico nos últimos anos, pouquíssimas pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas desde então na área do baixo rio Urubu, o que muito surpreende, haja vista sua relevância para o entendimento de questões sobre a ocupação da Amazônia. Foi com este intuito que se iniciou o Projeto Arqueologia Regional e História Local no Baixo Urubu. Este projeto é desenvolvido desde 2009 por uma equipe de pesquisadores

e estudantes vinculados ao Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas e outras instituições, e tem realizado uma série de levantamentos e estudos arqueológicos detalhados em parte dos sítios identificados. Os objetivos do projeto configuram-se em dois eixos principais, de igual importância. Por um lado, almeja-se obter um adequado zoneamento arqueológico da área através da identificação do tamanho, densidade, duração e a antiguidade das ocupações humanas na região abrangida pelo baixo curso do rio Urubu, e do entendimento da dispersão, organização social e dos limites territoriais das ocupações humanas na região pesquisada. Por outro lado, o projeto intenta ir além da pesquisa acadêmica, voltando o olhar arqueológico para as populações do presente.

Atualmente, pode-se dizer que a quantidade de dados arqueológicos angariados sobre a extensa área que engloba o médio e baixo curso do rio Urubu é considerável, colocando, assim, a região no mapa da arqueologia da Amazônia. Algumas questões relevantes acerca do entendimento das relações estabelecidas entre as populações autóctones e o meio tropical, no passado pré-colombiano, no período pós-contato e colonial assim como no presente caboclo, podem ser trazidas ao debate com base nas feições arqueológicas que caracterizam a região.

2.2 Análise Geológica da Cidade de Itacoatiara

De acordo com o mesmo relatório Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM (2013, p. 43-45) a região de Itacoatiara (AM) está localizada no contexto geológico da Bacia Paleozoica do Amazonas. A Bacia ou sinéclise do Amazonas é uma bacia intracratônica estabelecida no Continente Gonduânico, com extensão de 500.000 km². Sua espessura máxima atinge a marca dos 6.000 metros. Abrange parte dos estados do Amazonas e Pará, sendo limitada ao norte pelo Escudo das Guianas e ao sul pelo Escudo do Brasil Central. Na atual concepção, reúne as chamadas bacias do Médio e Baixo Amazonas. Está limitada a oeste com a Bacia do Solimões pelo Arco de Purus, ao passo que o Arco de Gurupá constitui seu limite leste. Duas sequências de primeira ordem podem ser reconhecidas nos 5.000 m do preenchimento sedimentar da Bacia do Amazonas: uma paleozoica, intrudida por diques e soleiras de diabásio, e uma mesozoico-cenozoica.

O substrato proterozoico sobre o qual se desenvolveu o pacote sedimentar fanerozoico da bacia está representado por rochas metamórficas pertencentes a faixas móveis, acrescidas a um núcleo central mais antigo denominado Província Amazônia

Central, está constituída por rochas essencialmente graníticas. A faixa móvel ocidental, formada por rochas graníticas e metamórficas, é denominada Faixa Móvel Ventuari-Tapajós e a faixa móvel oriental, também constituída por rochas graníticas e metamórficas, designa-se Faixa Móvel Maroni-Itacaiúnas.

O registro sedimentar e ígneo da Bacia do Amazonas reflete os eventos tectônicos paleozoicos ocorrentes na borda oeste da pretérita placa gonduânica e da tafrogênia mesozoica do Atlântico Sul. Tais fenômenos orogênicos originaram movimentações epirogênicas intraplaca, resultando na formação de arcos de grande porte e discordâncias regionais, além de controlarem as ingressões marinhas que, posteriormente, influenciaram os ambientes deposicionais.

Postula-se sobre a origem da Bacia do Amazonas estar relacionada à orogenia Brasileira-Pan-Africana decorrente de esforços compressivos, leste-oeste, com alívio na direção norte-sul. O rifte precursor teria se propagado ao longo de linhas de fraqueza do embasamento, com a formação da bacia por subsidência térmica regional e o desenvolvimento de uma sinéclise intracontinental, com sedimentação em onlap a partir do Neo-ordoviciano.

Nas etapas finais do ciclo Brasileiro (700 – 470 Ma), em condições tardias pós-orogênicas, várias unidades sedimentares acumularam-se sobre a recém-estabilizada Plataforma Sul-americana. Seus registros atuais encontram-se preservados localmente na bacia, em áreas contíguas do Arco de Purus, sobretudo no seu lado oriental, onde constituem as Formações Prosperança (arenitos aluviais e fluviais) e Acari (carbonatos de planícies de maré), ambas reunidas no Grupo Purus. Estas unidades correspondem a episódios anteriores à efetiva implantação da sinéclise e, devido a sua reduzida área de ocorrência, são consideradas com unidades secundárias da carta estratigráfica da bacia.

O município de Itacoatiara (AM) encontra-se dentro dos limites da unidade geológica denominada Formação Alter do Chão. A norte, essa unidade está em discordância com as formações do Grupo Trombetas; e, a oeste, o contato é com a formação Iça / Formação Solimões, que também a sobrepõem em discordância. Ao longo da planície aluvionar do sistema Rio Solimões – Amazonas, a Formação Alter do Chão está coberta por depósitos aluvionares recentes e sub-recentes.

Essa unidade está constituída por arenitos finos a médios, com níveis argilosos, caulíníticos, inconsolidados, contendo grânulos e seixos de quartzo esparsos, com estratificação cruzada e plano-paralela. O nível basal compreende uma camada de arenito litificado, que foi denominado de “arenito Manaus”. A Formação Alter do Chão

é sobreposta por um manto de intemperismo representado pela crosta laterítica ferruginosa e bauxítica e solo amarelo, e que se distribui amplamente na região. Porém, foram identificados depósitos de colúvios que se sobrepõem em discordância a formação Alter do Chão.

2.3 Sociedades Indígenas que Originaram a Cidade de Itacoatiara

Itacoatiara é uma cidade do estado do Amazonas compreendida no seio da Amazônia Brasileira. O nome Itacoatiara é originário do idioma indígena e significa "Pedra Pintada", devido principalmente às inscrições gravadas em algumas pedras localizadas no rio Amazonas em frente à sede do município e, de acordo com Martins, “teve como seus primeiros habitantes os índios Muras, Juris, Abacaxis, Anicorés, Aponárias, Cumaxiás, Barés, Jumas, Juquis, Pariguais e Terás” (2003, p. 35). Essas mesmas etnias indígenas poderiam perfeitamente ter ocupado o sítio arqueológico *Caretas*, onde encontraram gravuras rupestres representadas através de rostos estilizados e com o passar do tempo, acabaram incorporando a sua cultura e reproduzindo os mesmos entalhes. Dos povos indígenas que deram origem ao município de Itacoatiara, os Mura e os Baré serão caracterizados a seguir a partir de observações sucintas e relativas não somente ao modelo de sociedade que criaram, como também, a intrépida obstinação em fazer com que essas culturas permanecessem vivas, considerando o desaparecimento de muitos grupos indígenas que acabaram sufocados pelas mãos do colonizador.

Segundo Pequeno, “O grupo indígena Mura é originário da região compreendida pelo baixo Amazonas, Solimões, Madeira, Autaz, Baetas, Marmelos, Maturá, Aripuanã e Canumã. Atualmente estão estabelecidos na região das bacias hidrográficas dos rios Solimões, Amazonas e Madeira” (2006, p. 133), assim como, ficaram conhecidos na bibliografia etnográfica como “corsários do caminho fluvial”. Os Mura viviam em suas próprias canoas, como se fossem suas casas, e ganharam destaque na resistência à ocupação pelos não índios. Nessa abordagem, Pequeno afirma que

Sua imagem é marcada por traços guerreiros, destemidos, conhecedores de táticas *sui generis* de ataque e de emboscada, o que atemorizava e lhes concedia uma enorme fama de “perigosos”, principalmente nos idos dos séculos XVII a XIX, quando impediram, por sua presença e força física, o avanço das missões, do comércio português e das ações de cunho militar na Amazônia, especialmente na região compreendida pelos municípios de Autazes, Itacoatiara,

Careiro da Várzea, Careiro do Castanho, Borba e Manicoré, Estado Amazonas (2006, p. 134).

De acordo com Pequeno, “os Mura nunca fixavam seus aldeamentos muito para o interior das terras e, mesmo no período de maior expansão, sempre procuravam várzeas do Amazonas, do Solimões, do rio Negro, do Japurá, do Madeira e de seus tributários” (2006, p. 143). O fundamental era garantir a possibilidade de deslocamento em suas canoas, que os transportavam às áreas onde constituíam suas moradias e também aos lugares onde a caça e a pesca eram muito mais abundantes. Sobre a etnia Baré, Gourevitch afirma que

Vêm da família Arawak e se situam na região do Alto e Médio Rio Negro (Noroeste da Amazônia), região habitada há pelo menos 3.000 anos. Hoje, a região conta com vinte e sete etnias de três famílias linguísticas (Arawak, Maku, Tukano) com uma população de aproximadamente 79.000 pessoas repartida em três países: Brasil, Venezuela e Colômbia (2011, p. 40).

Os Baré garantem que seus antepassados vieram do baixo rio Negro, mais precisamente, Manaus (antiga Vila da Barra), e que eles teriam subido o rio para escapar dos massacres europeus. Os Baré encontram-se entre as primeiras tribos da Amazônia a estabelecer contato com os colonizadores das Américas. A etnia, uma importante comunidade no passado, sofreu um forte conflito no contato com o homem dito civilizado, sendo considerada em um determinado período histórico, praticamente extinta no Brasil. Contudo, ressurgiram com uma cultura bastante rica, conservando suas crenças e práticas tradicionais, e conforme Gourevitch, “eles “transplantaram” em suas tradições, muitos elementos da cultura de outras etnias do Rio Negro e as crenças e práticas ligadas ao cristianismo, particularmente aos santos da Igreja católica, que eles utilizam, sobretudo, nas suas práticas de cura” (2011, p. 39).

Sobre o imaginário Baré, Gourevitch menciona que existem os chamados “encantados”, seres classificados como sobrenaturais denominados máwalis, maíwas ou majubas, que existem debaixo d’água em belíssimas cidades, onde eles são “pessoas”. Alguns lugares do rio (geralmente onde há redemoinhos) são mais propensos a abrigá-los, por serem consideradas as portas de entrada do mundo encantado. Esses seres podem encantar as pessoas que infringem às interdições do grupo como: comer uma comida crua ou fria, comer sem se lavar; ir à floresta quando se teve um sonho “mau” à

noite; uma mulher quando está menstruada não deve tomar banho no rio, com exceção se ela está estiver acompanhada por uma mulher idosa; o homem não pode fazer esforços físicos quando sua mulher tiver dado à luz e, finalmente, o casal não deve comer certos alimentos como certas caças ou peixes. Caso não se faça o tratamento de uma pessoa que tenha desobedecido a uma interdição, ela pode ser levada ao mundo dos encantados. Se a pessoa desobedecer à natureza, durante a caça, ou se faltar ao respeito para com o encantado (máwali ou maíwa), ela pode ser punida com doenças ou mesmo com a morte (2011, p. 43).

Os Mura ficaram marcados na história por sua determinação em preservar suas tradições, ofuscando as diversas tentativas de dominação e opressão, o que inevitavelmente os transformou em muitas das etnias mais temidas. Os Baré, ainda lutam pelo seu território e, principalmente, pelo ressurgimento de sua cultura, agregaram um sincretismo com a religião católica: crenças e cultos de inúmeros santos, os quais utilizam nos seus métodos de cura. Nessa linha de raciocínio, Gourevitch assegura que “os mitos de fundação, são reapropriados após um longo período de mestiçagem cultural e de “desativação” das especificidades da cultura Baré” (2011, p. 53). Suas festas religiosas são a continuidade das festas ancestrais, os rituais iniciais foram modificados, contudo, a relevância para os Baré, sempre será a mesma.

2.4 O Enigmático Sítio *Caretas*

Como examinamos anteriormente, o município de Itacoatiara, distante aproximadamente 256 quilômetros da capital Manaus, ostenta um dos mais ricos, bonitos e proeminentes afloramentos de rochas com inscrições e gravuras rupestres do Amazonas. De acordo com Farias na reportagem eletrônica “Museu a céu aberto é nova atração turística na ‘Serpa’” (2012), essas pedras integram um conjunto de pelo menos 27 sítios arqueológicos de diferentes datas, os quais vão de 1.500 a 5 mil anos antes do tempo atual. Dentre esses sítios podemos citar o sítio Jauari, situado numa área de seringal onde há fragmentos de cerâmicas de povos nativos que lá habitaram há aproximadamente 1.200 e 1.500 anos. A principal característica do sítio Jauari, contudo, é a presença de registros de terra preta, um solo fértil para a agricultura que tem sido alvo de intensa pesquisa científica nos últimos anos. O outro sítio é o da Ponta do Jauari, localizada na orla de Itacoatiara, de onde afloram os pedrais estimados em 04 e 05 mil anos.

O estudo destes sítios arqueológicos vem sendo desenvolvido pelos pesquisadores Bruno Moraes e Helena Lima. A pesquisadora afirma que os sítios são objeto de estudo desde o final do século 19 por historiadores como Barbosa Rodrigues e Bernardo Ramos. Entretanto, nunca haviam sido inventariados, ou seja, os mesmos ainda não haviam recebido um trabalho acadêmico de catalogação minuciosa. Outra intenção do inventário é reunir informações para resguardar os bens encontrados nas áreas, que vão desde objetos intactos, pedaços de cerâmica e gravuras, além da terra preta.

Conforme o arqueólogo Bruno Moraes, os sítios de Itacoatiara são resultados de diferentes formas de ocupação que ocorreram em épocas distintas. Utilizando outros referenciais já estudados na Amazônia Central, o pesquisador estima que a ocupação mais antiga date de 4 a 5 mil anos atrás. Deste período fazem parte as pedras com as gravuras. Ressalta ainda que tanto o pedral localizado na sede do município quanto o sítio *Caretas* (figura 03), na zona rural de Itacoatiara, têm inscrições semelhantes com os desenhos encontrados na ponte das lajes, pedral localizado à margem do rio Negro, em Manaus, que é percebido apenas na época de grande vazante, como a registrada em 2010.



Figura 03: Sítio *Caretas*: AM-IT-31 – Croqui de Acesso – Página 109 (IN SITU Arqueologia. Relatório Final – Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM. Manaus, 2013.).

A mesma reportagem realça que o nome em tupi-guarani, pedra pintada, não surgiu ao acaso. Itacoatiara possui, realmente, um gigantesco pedral com gravuras rupestres talhadas, provavelmente, há 4 ou 5 mil anos. Uma das pedras de maior destaque foi removida de seu local original, próximo ao porto, para a parte central da cidade. Outro sítio que vem sendo alvo de estudo é o *Caretas*, que de acordo com o relatório Arqueologia e Turismo em Itacoatiara (2013, p. 67) tem a sigla AM-IT-31 com coordenadas E325117 e N9659346, caracterizado como sítio rupestre localizado na margem esquerda do rio Urubu, em frente o sítio Santa Maria, ficando submerso no período da cheia do rio. Maior concentração de arte rupestre da região, contendo painéis gravados, polidores, afiadores e petróglifos, cobrindo uma área total de 2360m². Sítio arqueológico que visitamos e encontramos uma enorme quantidade e variedade de inscrições rupestres, inclusive algumas formações rochosas que nos fez pensar que foram esculpidas muito antes das gravuras serem confeccionadas. Na figura 04 expomos um exemplo dessas rochas estilizadas encontradas à margem do rio Urubu, que além de um resgate de nosso passado, suscitará uma tentativa de preservação desse patrimônio arqueológico e que servirá como base de uma análise iconográfica e iconológica que apresentaremos nos próximos capítulos e também como objeto de estudo do produto acadêmico.



Figura 04: Gravuras rupestres entalhadas em pedras de arenito, Sítio arqueológico *Caretas* localizado à margem do rio Urubu, na zona rural de Itacoatiara. (Blás Torres Neto 06/10/12).

2.5 Relação Entre o Sagrado e a Arte Rupestre

O sítio *Caretas* localizado às margens do rio Urubu, sempre foi envolto em grandes mistérios, não só pelas singulares faces esculpidas em rochas de arenito, mas principalmente pela origem e intenção de seus idealizadores, inúmeras gravuras rupestres que foram inicialmente atribuídas às várias culturas indígenas que se estabeleceram naquela localidade, e que mediante análises arqueológicas mais detalhadas transformaram-se em marcas históricas indecifráveis, pois fugiam das características sociais dos índios reconhecidos como ocupantes daquela região.

Afirmar peremptoriamente o verdadeiro propósito dos entalhes encontrados nas rochas do sítio *Caretas* não é uma tarefa muito fácil, contudo, caberia elencar algumas possibilidades partindo do esclarecimento mais habitual que defende que as diversas formas de arte rupestre representariam apenas a exposição de um cotidiano de determinada sociedade bárbara, todavia, por que esse cotidiano era retratado apenas por cabeças e rostos esculpidos? Esse dia a dia também poderia ser considerado a partir de várias interpretações. Dentre essas observações, poderíamos ponderar que o atual sítio arqueológico representou no passado um lugar de sacrifícios? Segundo René Girard, “toda sociedade vive a mercê de uma onda indiscriminada de violência, em razão das reações e represálias que uma ação violenta provoca” (2008, p.15). Desta forma um instrumento escolhido como contenção para esta violência pelas sociedades primitivas seria o uso do sacrifício para abrandar esse procedimento. Girard também qualifica que “só é possível ludibriar a violência fornecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar” (2008, p.15).

Para as culturas pagãs da antiguidade, o sacrifício representava a maneira pela qual seus pedidos seriam atendidos pelas *entidades superiores*, assim como a negação desses ritos evidenciava a iminência de um castigo, inclusive no que se refere a uma catástrofe natural. Sob esse aspecto entende-se que o sacrifício permitiu às sociedades arcaicas uma ferramenta de catarse ou de purificação social, consentindo aos indivíduos derramarem também sobre a vítima sacrificial escolhida todos os seus desejos de vingança, ódio e agressividade. É válido lembrar aqui o exemplo do *pharmakós* grego, um pária (última casta na Índia) que era mantido cativo para ser sacrificado em épocas de grandes crises e catástrofes, mesmo naturais, como se sua morte pudesse eliminar a crise ou a catástrofe. Na mesma linha de raciocínio René Girard afirma que

Os ritos sacrificiais bem como os mitos que os narram simbolicamente representam a forma de uma sociedade reviver o seu acontecimento fundador, o sacrifício não mais ritual, mas real e espontâneo de uma vítima expiatória. O sacrifício polariza sobre a vítima os germes de desavença espelhados por toda parte, dissipando-os ao propor-lhes uma saciação parcial. (2008, p. 19).

Para Schultz, “a palavra sacri-fício significa fazer sagrado. O sacrifício é um mecanismo social produtor de sagrado. Uma morte produz a vida! Um ser de fora é o culpado das mazelas do grupo e, ao mesmo tempo, será a fonte de salvação depois de sacrificado” (2004, p. 06). Entende-se que a violência do sacrifício não apenas causa o sagrado, mas principalmente sacraliza a violência, fazendo a vítima transitar numa esfera ambígua entre o bem e mal. Schultz também considera que “o sagrado é a ferramenta reguladora da qual as sociedades lançam mão diante da ameaça de violência generalizada” (2004, p. 02), relacionando este processo a própria fundação da cultura. Schultz também afiança que “tendo experimentado os benefícios da violência fundadora como solução para a crise que viveu, a sociedade busca meios para perpetuar esta estabilidade, passando a ritualizar frequentemente o sacrifício” (2004, p. 03).

O conceito em questão faz com que a violência sacrificial e os mitos que a relatam não sejam objetivamente violentos em si, mas estariam diretamente orientados para a paz. Schultz, em seus estudos, afirma que “a violência sacrificial é apaziguadora, reconciliadora, terminal, decisiva. O sacrifício tem sua eficácia enquanto processo preventivo, coibindo uma violência recíproca desenfreada na comunidade” (2004, p. 05). Ou seja, para que se cumpra o papel enquanto última palavra da violência, o sacrifício necessita de uma vítima que não tenha condições de reagir. A vítima sacrificial não pode devolver a violência; não pode vingar-se. Schultz conclui que “por isso, a vítima é sempre alguém à margem da sociedade. O sacrifício é uma violência sem possibilidade de vingança” (2004, p. 05).

Nessa perspectiva, não poderíamos esquecer o sacrifício infantil, prática muito comum entre os povos pré-colombianos. Medel na reportagem eletrônica “México descobre primeiro sacrifício de crianças na cultura tolteca” (2007), afirma que a antiga cultura tolteca, no México, predecessora do império Asteca, teria ofertado crianças em sacrifício aos deuses. Cultura que floresceu durante quatro séculos e tornou-se extinta por volta do ano 1150 da era cristã e a recente descoberta de um sítio arqueológico contendo restos mortais de 24 crianças entre 5 e 15 anos, com evidências de que foram

decapitados coletivamente, lança uma nova luz sobre os rituais toltecas e possivelmente sobre os rituais dos demais impérios que os sucederam.

A reportagem apresenta o depoimento do arqueólogo Luis Gamboa, responsável pelo resgate dos restos funestos. Segundo o pesquisador "como explicar 24 corpos em um só espaço? A única maneira é pensar que ocorreu sacrifício humano". No local, um poço de apenas quatro metros quadrados em uma área onde há agora um edifício público, também foi encontrado uma estatueta relacionada ao deus da chuva, Tlaloc. Divindade que muitas culturas pré-hispânicas do México veneravam oferecendo crianças em sacrifício, objetivando principalmente garantia para as suas plantações. Os ossos das crianças, que datam entre 950 e 1150, estão em boas condições, e foram descobertos enterrados de frente para o nascer do sol, o que segundo Gamboa, reforça ainda mais a hipótese de um sacrifício.

Diante do exposto levantaríamos a interpretação de que as inúmeras faces entalhadas nas rochas do sítio *Caretas* realçariam os indivíduos sacrificados em prol de um bem maior e comum. Estabelecendo, desta forma, uma espécie de *aura* para o local. Poderíamos, também, levantar a hipótese de explicação para o fato das culturas ancestrais gravarem apenas os rostos e cabeças dos integrantes de sua sociedade, justamente por realizarem rituais de sacrifícios onde as vítimas eram decapitadas. Praxe que os colonizadores europeus verificaram na cultura de algumas tribos indígenas que decapitavam os inimigos vencidos em guerra, processo que por ventura foi adaptado ao contexto dos ritos de sacrifícios e que muito provavelmente, tais costumes foram repassados pelos povos antepassados que outrora se estabeleceram naquelas paragens, através da tradição oral.

Entre as tribos indígenas que impressionaram os colonizadores por sua beligerância, podemos citar os Munduruku, os quais eram considerados os espartanos da Amazônia Colonial, viviam originalmente de acordo com a tradição, na aldeia de Nicodemus, localizada sobre uma colina no meio de uma vasta campina no alto curso do rio Cururu, um dos formadores do Tapajós, segundo Santos, "sedentários, viviam em aldeias estáveis e levavam uma existência baseada na agricultura de roças, caça, pesca e coleta de alimentos silvestres" (1995, p. 09). Santos em sua compilação, também afirma que os Munduruku "eram gente alta, peito largo, fortíssima musculatura, frequentemente de cor muito clara, de feições largas, bem pronunciadas e, embora afáveis, rudes, cabelos pretos luzidios, cortados na testa, e todo o corpo tatuado com linhas finas" (1995, p. 09).

A etnia Munduruku ficou conhecida pelo anseio exacerbado em guerrear, chegando inclusive a recrutar guerreiros voluntários em inúmeras aldeias, sem esquecer-se de deixar homens em número suficiente para efeitos de defesa e também como provedores da subsistência dos que eram deixados nos povoados. Entretanto, o rótulo mais severo atribuído aos Munduruku foi justamente o de *cortadores de cabeças*, evidenciado pela estratégia de guerra frente aos seus inimigos indígenas, pois, segundo Santos, “cercavam a aldeia inimiga e lançavam-se em ataques pela madrugada, incendiavam as aldeias sitiadas, matavam todos os adultos inimigos e suas cabeças eram seccionadas e, depois de mumificadas, eram conduzidas como troféus” (1995, p. 12).

O chamado efeito mágico das cabeças cortadas e secas representaria uma abundância de animais aos caçadores Munduruku, além de simbolizar o orgulho dos indígenas diante de seus feitos guerreiros. Em seus movimentos expansionistas e atividades guerreiras, os Munduruku atormentaram não apenas os colonizadores, e, de acordo com Santos, “também seus vizinhos indígenas Parintintin, Maué, Arara, Mura e outros” (1995, p. 15). Conforme foi mencionado anteriormente, os Mura estão entre as etnias que deram origem à cidade de Itacoatiara e que muito provavelmente também ocuparam a região descrita hoje com o sítio arqueológico *Caretas*; e, considerando a cultura Munduruku no tratamento com os seus inimigos, relacionando-a ao contato com os Mura, seria pertinente interpretar a possibilidade de o sítio *Caretas* representar uma espécie de *memorial* das vítimas Mura ou de outras tribos abduzidas pelos impiedosos Munduruku.

3. BERNARDO RAMOS A OBRA *INSCRIÇÕES E TRADIÇÕES DA AMÉRICA PREHISTÓRICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL* E SUAS IMPRESSIONANTES INTERPRETAÇÕES

Arqueólogo, linguista e numismata, Bernardo de Azevedo da Silva Ramos deixou para a posteridade uma obra sem precedentes, ao explorar o contexto arqueológico do estado do Amazonas e principalmente produzindo interpretações que geraram uma reavaliação nas origens do homem amazônico. Publicação que será apresentada neste capítulo através de recortes objetivos das investigações inusitadas proferidas pelo autor e parte das observações descritas no prefácio do livro pelo senhor Vivaldo Lima, o qual indaga sobre “as inscrições que foram gravadas ou pintadas na antiguidade por certos povos, cuja civilização desapareceu, e os monumentos e documentos que deixaram como vestígios de sua existência têm preocupado a atenção dos sábios” (1932, p. 09). Vivaldo Lima também observa que “todos os pensamentos estabilizados correspondem ao estado mental de sua época: daí a necessidade do investigador de interpretá-las ou ampliá-los para fazê-los corresponder ao estado de perfeição ou de progresso a que atinge no momento da decifração” (1932, p. 10).

Em uma longa viagem pelo velho mundo, Bernardo Ramos esteve no Egito, na Síria e na Grécia, pesquisando sobre antiguidades. Algum tempo depois, retornando ao Amazonas, recebeu a notícia da existência no interior do estado, de inúmeras pedras gravadas. Encaminhou-se até a cidade de Itacoatiara, e lá chegando, copiou algumas inscrições que existiam em umas pedras, à margem do rio Amazonas, exatamente ao lado da cidade. De acordo com Vivaldo Lima, “devido à sua prática de decifrar inscrições de moedas antigas, não lhe foi difícil verificar que os caracteres eram fenícios. Mas, sendo o fenício uma língua morta, não lhe seria fácil obter o significado das palavras” (1932, p. 16). Além dessas inscrições classificadas como do idioma fenício, Bernardo Ramos também identificou inscrições no idioma do povo chinês, em árabe, assim como, em hieróglifo e muitas outras em grego antigo. Vivaldo Lima exalta a obra de Bernardo inferindo que do monumental trabalho de Bernardo Ramos, pode-se deduzir as seguintes teses: houve uma civilização pré-colombiana no continente americano contemporânea da fase expansiva dos fenícios e dos gregos? Depois de ter sido impedida a passagem da navegação do mediterrâneo para o Atlântico, durante séculos, os descendentes dos gregos e dos fenícios, que ficaram no continente americano, haveriam retrogradado até o estado de selvageria? (1932, p. 17)

Estes questionamentos foram apresentados à Comissão de Arqueologia do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, representada pelos senhores João Baptista de Farias e Souza, Nicolau Tolentino e José da Costa Teixeira, os quais conferiram em 04 de maio de 1919 o seguinte parecer ao examinar o trabalho oferecido pelo Coronel Bernardo de Azevedo Ramos, sobre “Inscrições e Tradições do Brasil Prehistorico”, considerado:

- que, isolados os símbolos das inscrições exibidas, correspondem a caracteres de alfabetos fenício, grego paleográfico, grego de inscrição, hebraico, árabe e chinês;
- que a coordenação dos caracteres forma palavras;
- que a sucessão das palavras, assim representadas, forma sentido;
- que a autenticidade das inscrições é assegurada, ora por fotografias, ora pela autoridade das obras de onde foram extraídas;
- que as tradições referidas no trabalho estão vulgarizadas por autores cuja competência não se pode contestar;
- que os desenhos da cerâmica, representam nesse trabalho, correspondem ao estilo grego;
- que esses desenhos, pela sua precisão e simetria, jamais poderiam ser feitos pelas tribos indígenas, existentes no Brasil por ocasião de sua descoberta;
- que aquelas inscrições foram indubitavelmente produzidas por mão humana e hábil;

E que diante do exposto, resolve julgar o aludido trabalho digno de ser aprovado e aceitar as suas respectivas teorias e conclusões. Em seguida o Dr. Vivaldo Lima formalizou a seguinte proposta ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas para que adotasse as seguintes conclusões que representam a síntese do trabalho do Coronel Bernardo Ramos:

- 1) Existiu no Brasil uma civilização Pré-Colombiana;
- 2) Tal civilização foi trazida por migrações de fenícios e de gregos;
- 3) Essas migrações remontam a uma antiguidade maior de oitocentos anos antes da era cristã.

Não apenas o parecer como também a proposta foram aprovados na sede do Instituto e tendo a obra argumentado consideravelmente em assunto sobre a América pré-histórica em geral e vários países, definiram que seria conveniente alterar a sua denominação para “Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil”.

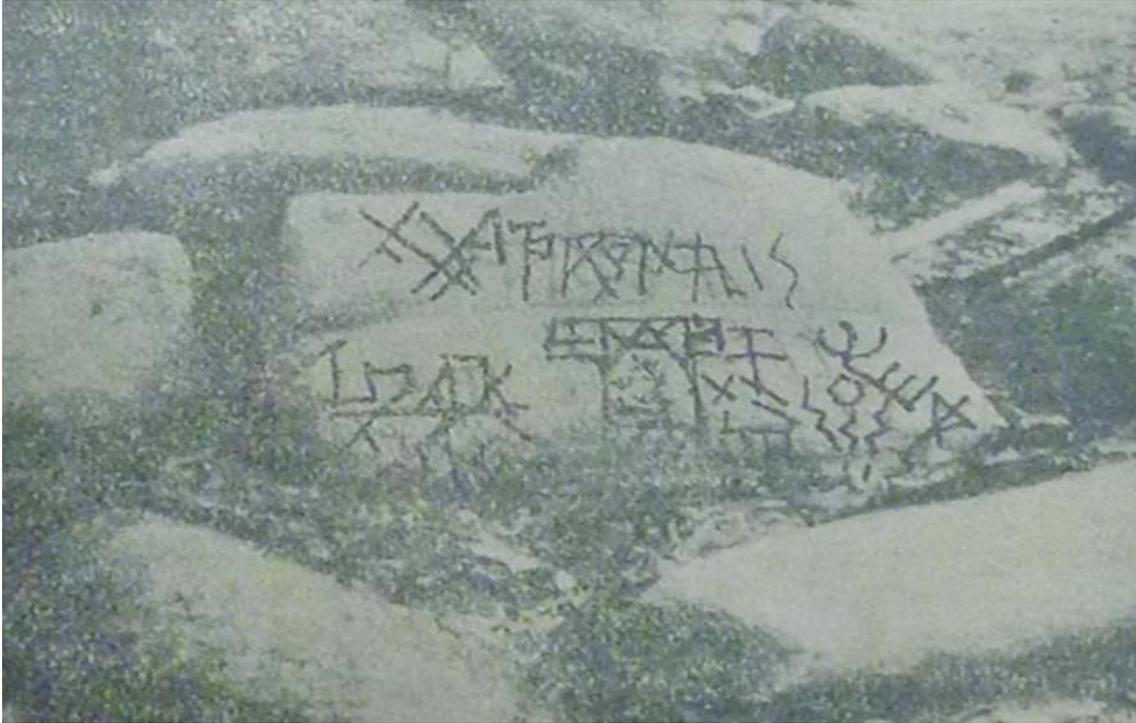


Figura 05: Inscrições de Sangay (Rio Urubú) – Página 11 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. *Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

3.1 Egypcios e phenicios: considerações sobre a prehistoria Americana e Amazonense em particular

Em sua tentativa de entendimento dos movimentos migratórios que povoaram o continente americano, Silva Ramos pondera que “é da famosa Atlântida que partem as migrações que povoaram tanto o Egito e a Grécia como a América” (1932, p. 49). Salienta inclusive que mesmo depois da dispersão, os povos americanos e os do outro lado continuaram em relação com as da mãe pátria, até que um memorável cataclismo, fazendo desaparecer aquele continente, berço das nações, interrompeu o comércio e o convívio da raça desagregada, isto é, dos povos do Mediterrâneo com os da América. Estes, os americanos, assim segregados, começaram a decair, enquanto os outros, recebendo o influxo de elementos estranhos, prosseguiram na sua evolução. De sorte que, para o Brasil pré-histórico, o homem que os europeus conheceram na América é simplesmente um produto de regressão histórica, um degenerado de antiga civilização (1932, p. 49–50).

Em sua linha de pensamento Bernardo Ramos assegura que não seria mais possível contestar através de fundamentos legítimos, o fato de estarmos na América na presença

de vestígios de uma civilização antiga muito superior a das populações que aqui foram encontradas, e afirma que “mesmo em relação a América oriental e pelo que interessa. Portanto, mais particularmente ao Brasil, é irrecusável, como acabamos de notar, a eloquência dos vestígios que começam a recolher-se dessa antiga civilização” (1932, p. 50). Ratificando que “os índios, que os conquistadores tiveram de reduzir nesta parte do continente, não eram capazes de deixar de si os sinais que temos coligido, apesar de incompletas por enquanto as investigações feitas” (1932, p. 50).

Bernardo Ramos passou a negar a autenticidade das inscrições lapidares como obras do homem aborígene; conferindo um gênero de documentação, e este de maior valor, pois não poderia excluir o testemunho de uma cultura desaparecida. Silva Ramos afirma que “o selvagem que os portugueses encontraram aqui não podia ter sido o autor dessa infinidade de objetos exumados dos cemitérios antigos de alguns dos *sambaquis* e das aldeias ou *malocas* soterradas: ídolos, instrumentos, artefatos de uso doméstico, adornos, etc.” (1932, p. 50). Silva Ramos também avalia a semelhança entre objetos arqueológicos encontrados em pontos extremos do continente americano. Situação que retrata da seguinte forma: “ídolos, vasos e outros artefatos de Marajó, por exemplo, apresentam várias aparências de afinidade com objetos do mesmo gênero descobertos na Argentina, no Chile e em vários outros pontos das regiões andinas” (1932, p. 50). Essas conjunturas indicam de certa forma que possivelmente a raça extinta que Bernardo Ramos clarifica e da qual nos restam estes vestígios, dominava uma extensa área do continente americano.

Em sua obra Bernardo Ramos menciona que uma resenha de todos os monumentos pré-históricos, já encontrados e apreciados no Brasil, nos consumiria por largo tempo a atenção. Dentre elas, as mais peculiares são as do Vale do Amazonas, onde um povo, certamente muito anterior às tribos selvagens da atual era histórica, as pintou, desenhou ou gravou em rochedos e pedras. Conhecidas como as *itacoatiaras* (*pedras pintadas, em tupi ou nheengatu*), onde se pode observar bizarras figuras de tais inscrições, cheias de arabescos, emblemas de guerra, cabeças ornadas de diademas, representações de animais, como o crocodilo, o jabuti etc. A cidade de Itacoatiara (antiga Serpa), no estado brasileiro do Amazonas, fica próxima ao sítio onde se veem essas pedras pintadas, as quais lhe deram o nome (1932, p. 55). Povos pré-históricos da Amazônia, os quais são bem frequentes, essas inscrições e imagens sobre rochas, e nelas se nota certa falta de uniformidade, explicável pela rudimentar cultura artística desses povos de raça primitiva (1932, p. 56).

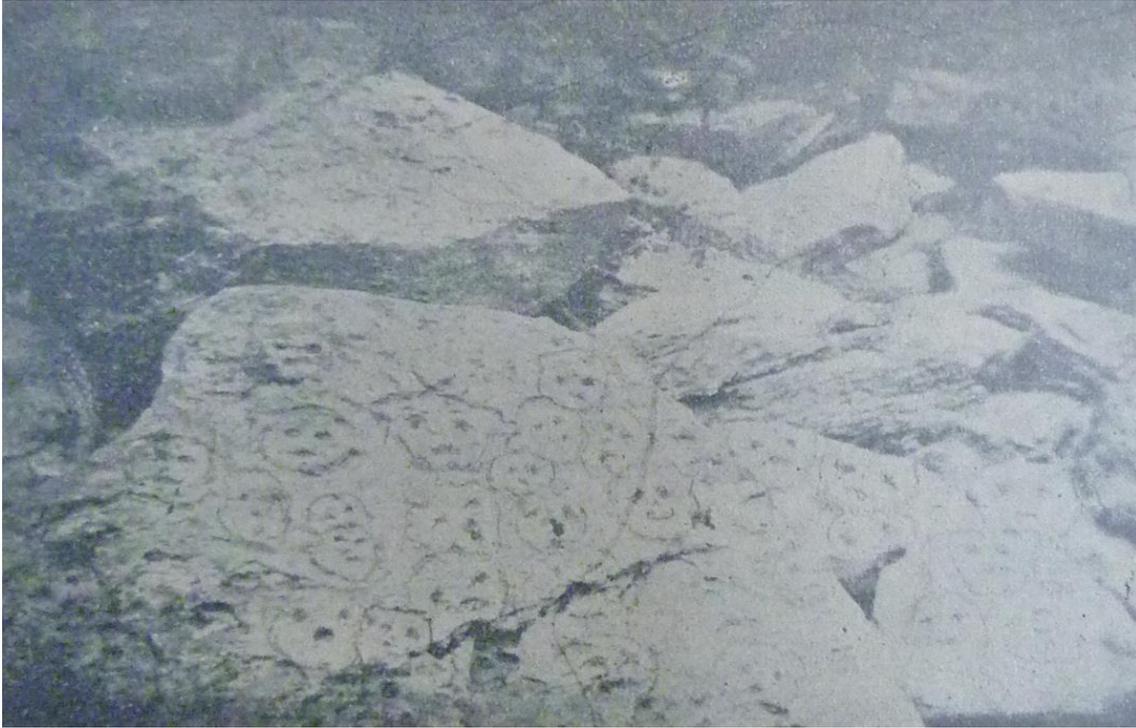


Figura 06: Blocos com gravuras (Urucará) – Página 54 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

3.2 Itacoatiara: suas importantes Inscrições Lapidares

Bernardo Ramos procura prestar a devida homenagem ao que chama de centro arqueológico amazonense, segundo ele, predestinado a consagrar as nossas origens pré-históricas. Apontando como uma das privilegiadas regiões para onde convergiam, em uma remota antiguidade, povos que vieram de longe, atravessando mares revoltos, conduzidos por leves e bonancosos ventos desse Deus protetor dos marítimos e imigrantes. Com efeito, Bernardo Ramos se lembra da hipótese edificada em suas averiguações, realçando as pré-históricas inscrições fenícias e gregas (1932, p. 63). Silva Ramos retrata as inscrições da seguinte forma: “elas aí estão desde séculos, carcomidas, partidas e consumidas pelos elementos, mas relatando ainda com expressão a origem dessa geração, reveladora de um passado que alcança as páginas da velha história do mundo e como que prefaciando outra, para nós até então desconhecida” (1932, p. 64). Segundo Bernardo Ramos, as inscrições de Itacoatiara e suas regiões não ditam apenas uma tradição valiosa, elas propagam muito mais, transmitem um hino de uma nova alvorada, inspirado por um povo que aqui aportou, nesses passados séculos, e

tomou posse ou domínio desta prodigiosa região, povo cujos feitos vinham sendo sepultados no mais inexplicável e misterioso esquecimento (1932, p. 64).

Para o autor, é profundamente agradável demonstrar, nas inscrições encontradas em Itacoatiara, o predomínio de caracteres fenícios, cujas decifrações, subsidiadas pelos dos hebreus, conseguiram levar a efeito, não sem certa dificuldade. Bernardo Ramos afirma que, por um lado, foi preciso atender à desobstrução da parte mais delicada das letras, em desordem com as asperidades e fendas do bloco, tudo ocasionado pela ação do tempo, e por outro, o deslocamento dos referidos blocos, que sucumbiram ao impulso violento das correntes do rio Amazonas, além da imprevidente retirada de pedras do local, destinadas a diferentes construções (1932, p. 65). Bernardo Ramos assegura que para melhor simplificar a interpretação das inscrições, tomou o alvitre de figurá-las com os caracteres destacados dos blocos, sistema em que foram executados, com algumas letras mesmo invertidas. Dando assim uma forma mais compreensiva aos mesmos caracteres, fazendo-os acompanhar aos do nosso alfabeto. A supressão das vogais era estilo seguido nas inscrições fenícias, salvo em determinados casos (1932, p. 66).

Quanto às interpretações dos caracteres, Bernardo Ramos se lembra da maneira como desde longo tempo os egípcios e os assírios sabiam escrever, porém de modo muito complicado, significando cada letra, ora uma sílaba, ora uma palavra inteira. Já os fenícios tinham necessidade, para os efeitos do seu comércio, de uma escrita muito simplificada. Para tanto, escolheram muito provavelmente entre as letras egípcias 22 signos, os quais exprimissem apenas um som, é o que se chama alfabeto. Do alfabeto fenício derivam-se todos os outros alfabetos iberos (da Espanha) e talvez mesmo o sânscrito da Índia e a escritura sagrada dos povos pagãos que habitaram as regiões atualmente pertencentes a Alemanha e Noruega (1932, p. 66).

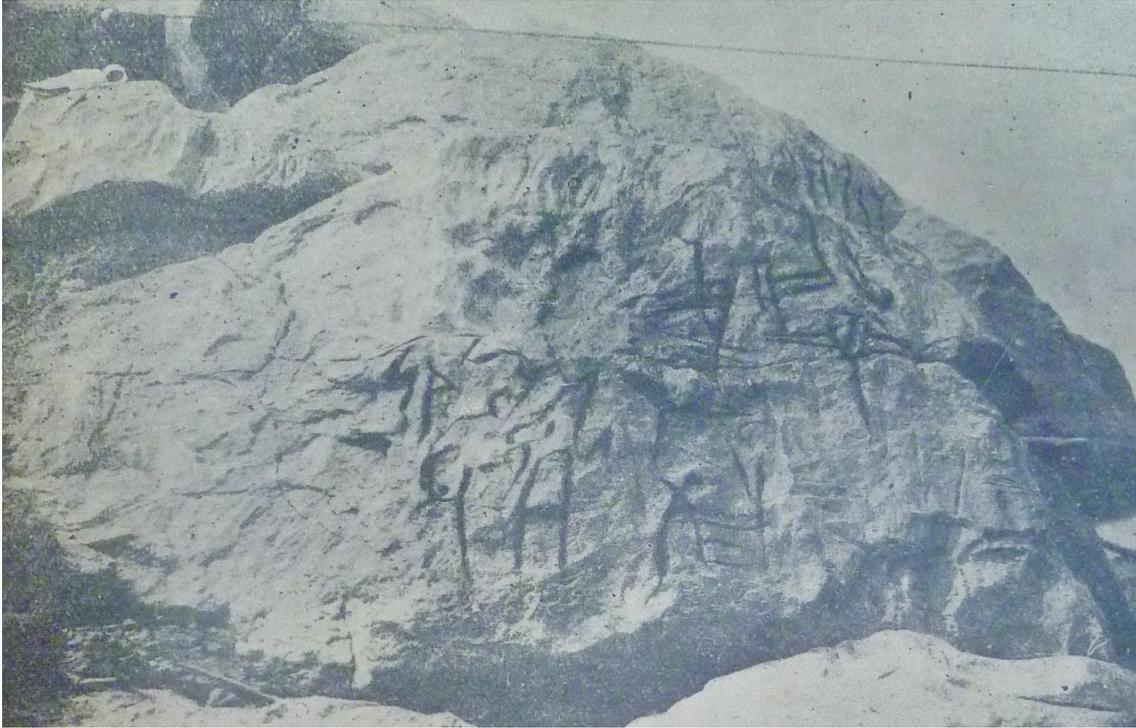


Figura 07: Inscrição ao lado de baixo da cidade de Itacoatiara – Página 67 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. *Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

3.3 Rio Urubú: Suas Inscrições e Tradições Prehistoricas, Gregas e Phenicias

Bernardo Ramos posiciona o rio Urubu como o ponto de partida para todos os mistérios estudados nas regiões arqueológicas próximas da cidade de Itacoatiara e impressiona-se através das múltiplas considerações sugeridas sobre a originalidade deste importante rio, no ponto de vista das transformações de seu primitivo curso, ocasionadas pelos fenômenos geológicos, tão desconstradas entre cronistas e historiógrafos. Vários são os locais, sucessivamente tratados, no longo curso do rio Urubu, assinalados com inscrições valiosas, cuja autenticidade comprova a existência, em pré-históricas eras do Brasil, a permanência de emigrações fenícias e gregas em nosso continente. A partir da extremidade inferior deste rio, denominada Maquará ou Itapinima, encontram-se, à margem esquerda, blocos de pedras com inscrições de idêntica natureza as de Itacoatiara, com suas variantes alternativas (1932, p. 79).

Esses blocos são relacionados por Bernardo Ramos com o fato dos fenícios levantarem também no cume das montanhas altares feitos de um bloco de pedra e colunas de pedra. Além disto, todos os fenícios acreditavam em um Deus que chamavam de *Baal*, isto é, o Senhor; e em uma Deusa, com a denominação de *Baalit*,

isto é, a Senhora, ou também *Astaréth* (*Astarté*). Para o povo da Fenícia, o *Baal* era o Sol bemfeitor que ilumina a natureza e prodigaliza a vida; era também o Sol ardente que destrói a vegetação e dá a morte. Representavam-no como um homem ou como um touro, algumas vezes mesmo como um homem com cabeça de touro. Figuravam-no como caprichoso e sanguinário; para satisfazê-lo, degolavam homens, e julgando mesmo ser-lhe particularmente agradável, sacrificavam-lhe inclusive seus próprios filhos. A *Astareth* ou *Baalit* (*Astarté*) era a lua, a rainha dos Céus, a deusa do amor e da primavera. De acordo com a tradição, era representada em figura de mulher, tendo sobre a cabeça o crescente lunar (1932, p. 80).

Em suas viagens pelo rio Urubu, Bernardo Ramos ressalta que de onde se deriva o Maquará, encontram-se ainda, segundo se diz, as ruínas de um templo rústico, formado de blocos de pedras, ao ar livre, erguido nos altos de um rochedo, como outro nas margens do rio Uatumã, templos ou altares conhecidos pelo nome de Curuaras (1932, p. 81). O emblemático rio Urubu oferece como particulariza o autor, um interesse acima do normal, pois por conta das dificuldades imperiosas que ocasiona a vazante do rio, interceptando as vias de comunicação com o rio Amazonas, enquanto simplificada é na enchente, quando as pedras infelizmente ficam submersas. Nem todas as localidades do rio Urubu, onde temos notícias da existência de inscrições lapidares, nos serão acessíveis, mas não é sem grande pesar que a tal nos subordine insuperáveis dificuldades. Em seguimento ao presente capítulo, não podemos deixar de incluir as intrigantes inscrições de Aybú, denominadas deste modo pela proximidade, talvez do lago assim conhecido, quando é certo se acharem situadas na margem esquerda do rio Urubu, no município de Itacoatiara (1932, p. 92).

Bernardo Ramos afirma que pelo que nos revelam suas inscrições em caracteres fenícios e gregos sobre variantes naturezas de assuntos, seria este local de alta valia na vida dessas correntes emigratórias, que ali se estabeleceram na alta antiguidade. A limitação territorial, demonstrada pelos epigráficos e resolvida, como dizem, em paz e harmonia, a posição estratégica do local, que é um dos mais elevados da região, a divisão natural do curso do rio Urubu, que ali desenha um ângulo saliente, tendo quase à frente a ramificação do rio, que forma o lago propriamente do Aybú, e servia talvez de limite natural. Para Bernardo Ramos, tudo nos faz crer no valor desses singulares monumentos. É certo que as inscrições de Maquará, as quais ficam a regular distância das de Aybú, denunciam a predominância dos caracteres fenícios, ao passo que da superior até Sangay, ou antes Sngarys, pelo menos, os dos gregos. A zona de Itacoatiara

nesta razão e compreendidas as regiões de Silves, Urucará, Uatumã, etc., seriam do domínio fenício. Bernardo Ramos arremata questionando sobre “quantas surpresas ainda nos reservará o futuro, quando um estudo meticoloso de caráter arqueológico for levado a efeito nestes vales?” (1932, p. 93).



Figura 08: Inscrição do Rio Urubú (Amazonas) – Página 105 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscipções e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

3.4 Miracãnera (Necropole): Culto dos Phenicios aos deuses e aos defunetos

Miracãnera, que de acordo com Bernardo Ramos, desde tempos remotos, é assim denominada a região compreendida entre o canal Arauató e as terras Amatory, cortadas na enchente por este e pelos canais Cainamã, Santo Antônio, Uichituba ou Aybú, que se comunica com o rio Urubu. Altas barrancas que variam de seis a dez metros, na vazante, instituem a margem desta vasta necrópole, e desde muito permanecem em contínuo desabamento. Esta particular circunstância faz vir à luz do dia grande porção de fragmentos da cerâmica, como as urnas funerárias, o asilo das ossadas e cinzas dos que naquela região viveram e desapareceram no período de séculos, costumes que revelam certa analogia aos dos fenícios. A Necrópole, propriamente dita, não compreende toda costa, ela se fixa no ponto fronteiro à extremidade baixa da ilha Benta, assim conhecida

numa extensão de mais de meio quilômetro. Miracãuera, paragem assinalada pela ideia lúgubre da morte. Localidade que caberia uma reflexão sobre os fenícios, os quais, segundo a história, acreditavam numa vida, depois da morte, semelhante à vida terrestre, e na apreciação daquele enigmático povo, a tranquilidade das almas dos defuntos dependia da absoluta tranquilidade do corpo morto, por esta razão, cuidavam muito da conservação dos cadáveres, embora não tivessem chegado à perfeição com que os egípcios se distinguiram a este respeito (1932, p. 163-164).

Bernardo Ramos ao especificar a cerâmica encontrada em suas últimas excursões nas regiões do rio Urubú, Uatumã e outras do Amazonas. Observa o quanto de importante e análogo existe em relação à descrita, não só no ponto característico linear e figurativo como artístico, desde o rude, ao adiantado, de admirável execução. Assim, pois, vemos na Assíria e Caldeia o sistema da escritura cuneiforme delineado em multidão de *tabletes*, formando bibliotecas originais, como a de Nínive, hoje grande parte recolhida aos museus europeus, principalmente ao Britânico (1932, p. 240). Para Bernardo Ramos, o Brasil, a terra mais antiga do globo, era habitada no principio do século XVI, quando os portugueses o descobriram, pelos Tupinambás, raça conquistadora estabelecida nas costas, e pelos Tapuias, cujo nome significa estrangeiro ou inimigo, que viviam no interior do país. Acabaram de descobrir, principalmente na ilha de Pacoval, Marajó, e na Taperinha, no rio Tapajós, numerosos fragmentos de vasos de barro. Descobriram certo número de urnas semelhantes, contendo todas, ossos humanos. Por força, devem remontar a tempos afastados, pois que tudo que sabemos do modo de vida dos Tupinambás ou dos Tapuias, e em particular de seus ritos funerários, não permite que sejam atribuídos a eles (1932, p. 249).

Bernardo Ramos na tentativa de apurar a autoria das inscrições encontradas em boa parte do estado do Amazonas e em outras localidades, assevera que nada se poupou, considerando desde a invocação de habitantes da Atlântida, tribos perdidas de Israel, egípcios, líbios, chineses, romanos, druidas, missionários católicos, piratas e até os homens do próprio período pré-glacial. Sem restrições, até hoje, nenhuma das teorias apresentadas se tratava apenas de inscrições feitas pelos índios, as versões formuladas tem sido baseadas em concepções românticas e imaginárias e jamais sobre crenças bem fundadas sobre a existência de determinado indivíduo ou raça naquelas paragens (1932, p. 249).



Figura 09: Miracãuera (Necrópole) – Página 161 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscricões e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

3.5 Urucará e Uatumã: Suas inscrições e considerações sobre a existência de sua Necropole

Bernardo Ramos, em sua obra, afirma que as inscrições da vila de Urucará, isto é, as que lhes ficam próximas, estão situadas  sua esquerda e são visíveis nas vazantes regulares. Não encerram grande valor epigrfico, mas são singularmente profundas, quanto admirável é a paciência de seus executores. O bloco, por exemplo, que representa a figura 05, apesar de imenso, não foi em nada desperdiçado, contm avultadssimo número de rostos, em seus lugares mais recônditos. Logo atrás, em uma leve depressão, está ainda outro bloco, que se nos afigura um túmulo, pela natureza dos desenhos que contm. Representa o emblema da morte, além de outros análogos aos da inscrio de Itacoatiara. Está exatamente em conformidade com a história da crença ou religião fenícia nesta parte. Ora, esperar os desmoronamentos naturais ou ocasionais da Necrópole desta região, como aconteceu é denominada Miracãuera, será entregar ao tempo destruidor esse problema, que deve, ao contrário, ser resolvido por investigao ou escavaoes pacientes e imediatas (1932, p. 299).

Bernardo Ramos avalia que todos os indícios induzem a uma conclusão talvez útil e valiosa para nossa arqueologia, e apesar disso, nenhuma ordem de estudo ou observação ainda foi levada a efeito, aliás, segundo o autor, com muitas probabilidades de êxito. Analisando também que as inscrições muito nos revelaram já, resta seguir os vestígios desse povo, do qual são elas positivamente originais. É de notar, que as figuras esculpidas, na sua quase totalidade, dão aparência de rostos humanos, indicio veemente de Necrópole naqueles arredores (1932, p. 300). Bernardo Ramos também apresenta os aspectos e a variedade das inscrições de Uatumã, lendário rio do Vale Amazonense, que encerra uma variante série de preciosidades arqueológicas e minerais, por estudar e explorar. Sua encantadora foz, que constitui uma belíssima paisagem, além de fornecer-nos valiosos contingentes epigráficos (1932, p. 302)

Ao analisar as inscrições rupestres desta região, Bernardo Ramos realça a existência do sempre o comum rosto humano, gravado por toda parte, e representando todavia feições diversas. Percebe também que, notadamente, este gênero de inscrições se encontra com mais profusão nos pontos, que serviram talvez de templo ou lugar de sacrifícios, constituindo adornos de íntima particularidade. Estes templos eram ao ar livre, mas guarnecidos de colunas e degraus formados das mesmas pedras e com sensível elevação. Algumas vezes se serviam de colunas de madeiras e, segundo a história, eram nestas pendurados os objetos oferecidos em sacrifício aos deuses, e, findas as cerimônias, eram queimados (1932, p. 305).

Bernardo Ramos descreve que em uma das margens do interior deste rio existe, segundo informações fidedignas, um destes templos, não estando ainda em completa ruína. Do mesmo modo são tradicionais figuras de animais talhados em pedra, dispostas em vários locais, trabalhos que reúnem em si, arte e aparência perfeita do objeto figurado. O autor acrescenta que somente ao que ele chama de povo emigrado, finalmente poderíamos atribuir todas as originalidades do rio Uatumã e as outras paragens conhecidas desde remota antiguidade. Sobre elas se fazem sentir os efeitos de tantos séculos: blocos enormes, tombados, soterrados, partidos, carcomidos, esboroados em parte, a par de fragmentos de uma cerâmica irrepreensível, representando traços e sombras de arabescos artísticos, estranhos por completo a nossa era (1932, p. 305).



Figura 10: Blocos com figuras esculpidas (Urucará) – Página 300 (SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932).

Além de decifrar as inúmeras inscrições encontradas em diversos sítios arqueológicos margeados pelos misteriosos rios do estado do Amazonas, Bernardo Ramos ficou mundialmente conhecido principalmente por decodificar as inscrições da famosa Pedra da Gávea na cidade do Rio de Janeiro. Atribuindo também a cultura fenícia a origem dos caracteres. Oportunidade que Bernardo Ramos foi alvo de inúmeras críticas por especialistas de todo o planeta, merecendo destaque inclusive na obra “A Inscrição da Gávea” de Vivaldo Lima, publicação que expõe a tradução de Bernardo Ramos e também o artigo assinado por David J. Peres, recriminando as interpretações das inscrições da Pedra da Gávea.

Bernardo Ramos é descrito desta forma por David J. Peres: Até agora inumeráveis inscrições lapidares existentes na Ásia, na África, na Europa e na América, haviam desafiado a argúcia de muitos investigadores, sem que alguém se aventurasse a desvendar o mistério da estabilidade do pensamento humano que elas encerravam. Apareceu no Amazonas um, Bernardo Ramos, que catalogou mais de 2.800, umas colhidas pessoalmente, outras extraídas de livros e revistas, procurando fazer uma chave de decifração para que, de futuro, qualquer pessoa possa, com algum esforço, saber o que elas dizem. Gastou ele cerca de vinte anos de longos e pacientes estudos, e, para

vulgarização dos resultados a que chegou, fez os mais exaustivos esforços para publicar aquilo que escreveu, com o intuito honesto de abrir um novo caminho às investigações futuras, em que outros, mais felizes talvez, encontrando o caminho já desbravado, possam chegar a fins positivos e incontestáveis. Bernardo Ramos procurou prestar o seu concurso à epigrafia, adotando um novo sistema de interpretação. Morreu, porém, sem ter tido a sorte de ver sua obra publicada, a fim de responder à crítica dos eruditos e às aleivosias dos insensatos (1933, p. 04).



Figura 11: A suposta inscrição fenícia da pedra da Gávea (Rio de Janeiro/RJ) – Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/10343814.jpg>.

A enigmática inscrição encontrada na pedra da Gávea e traduzida por Bernardo Ramos é caracterizada da seguinte forma conforme o relatório publicado no tomo primeiro da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, “a inscrição se acha colocada de uma maneira vantajosa a estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa, com caracteres colossais de 7 a 8 palmos, ao rumo L. S. E. pode ser vista a olho nu de todas as pessoas que por ali passarem; e notável é que os habitantes daqueles lugares todos conhecem as letras da pedra. A inscrição assim colocada está exposta à fúria das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequência, deve estar safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistência menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base

existem três concavidades esboroadas que formam o aspecto do mascarrão” (1933, p. 06). O relatório também registra que “o lugar onde está a inscrição pode ser que em tempos remotos fosse mais aterrado, e que com os séculos tenha sido escavado pelas contínuas humidades, chuvas, e ventos do sul” (1933, p. 07). Sobre essas inscrições, argumenta o Prof. David J. Peres que os caracteres da Gávea não são primitivos porque, se primitivos fossem, estariam mais aproximados de suas formas ideogramáticas (1933, p. 07).

Vivaldo Lima em sua obra contra-argumenta que é preciso creditar aos fenícios o que, decididamente, lhes pertence. Eles foram os autores de uma das maiores invenções da humanidade, desde o dia em que romperam deliberadamente com as escritas tão complicadas que estavam em uso, em que separaram vinte e dois sons simples permitindo notar as diversas articulações consonantais de sua língua e em que criaram um só sistema de sinais de uma notável simplicidade, no qual cada letra se distingue à primeira vista de todas as outras. Do primeiro momento, atingiram a perfeição, as deformações que o tempo fez sofrer ao seu sistema não o tem melhorado (1933, p. 08).

O Prof. David J. Peres ao terminar sua análise sobre a tradução da inscrição da pedra da Gávea feita por Bernardo Ramos, expõem os seguintes fatos: “assim exposto, não deixa dúvida que ainda que se venha um dia provar que tais sinais são fenícios, positivamente a tradução é imaginária”. Com esta afirmativa o crítico deitou por terra todos os seus argumentos. Se ele não sabe se os sinais são mesmo fenícios ou não, como pode criticar aquilo cuja natureza desconhece. E, se aquilo que se desconhece é inexistente para ele, como pode classificar de imaginário o que se refere a uma coisa, cuja existência não admite. Tais indagações são de uma lógica irretorquível e não admitem sofismas (1933, p. 36-37).

Ao concluir sua obra, Vivaldo Lima expressa-se da seguinte maneira sobre Bernardo Ramos: antes de publicada a sua obra, já apareceu o primeiro Klaproth, o procurador espontâneo da cultura nacional, David J. Peres. Havemos de ver quantos outros terão de aparecer depois do seu livro circular. Mas estou bem certo que todos os seus contraditores terão o mesmo destino de J. Swinton, Estevam Quatremere e Klaproth. Serão relegados ao esquecimento, e as teses sustentadas no trabalho do inesquecível epigrafista brasileiro não de triunfar um dia para o bem da ciência, que não poderá nunca ser travada, na sua marcha evolutiva, pela irreverência doentia dos críticos de cutiliquê (1933, p. 45).

דוד דוד (אראו) ראור אע נאדאנא

טדור פדיניסי'אנב באדדיר רב יהטח באנאל

LA ABHT'EU BAR RIZDAB NAISINEOF RUZT

TYRO PHENICIA, BADEZIR PRIMOGENITO DE JETHBAAL.

Figura 12: Tradução da inscrição encontrada na pedra da Gávea (Rio de Janeiro/RJ), por Bernardo Ramos. Na primeira linha, caracteres fenícios destacados da inscrição da Gávea, que o Prof. David J. Peres supôs serem caracteres gregos – Página 15 (LIMA, Vivaldo. A Inscrição da Gavea. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do “Jornal do Brasil”, 1933).

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETATIVA

A análise das gravuras rupestres encontradas nas rochas do sítio *Caretas* será subsidiada pelos pressupostos dos conceitos iconográficos, iconológicos e semióticos a partir das investigações de autores que consolidaram em suas obras os fundamentos especulativos dessas teorias no processo de significação das obras de arte. Por se tratar de uma pesquisa de campo, onde examinamos evidências históricas já catalogadas e ao mesmo tempo, seguiremos em busca de novas observações. O importante é destacar o caráter singular na leitura e na interpretação dos registros encontrados e analisados sobre um prisma voltado para as artes visuais, e com isso, procurarmos evidenciar que as gravuras rupestres representaram, de forma simbólica, as primeiras transmissões em tempo real dos processos de cotidiano ou mesmo configuraram como plausíveis suas manifestações do sagrado, ratificadas até hoje através da tradição oral.

4.1 Iconografia e Iconologia: Concepções e Distinção

Para Erwin Panofsky, “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. Tentemos, portanto, definir a distinção entre tema e significado, de um lado, e forma, de outro” (1991, p. 47). Da mesma maneira Panofsky afirma que “tratamos a obra de arte como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como evidência mais particulariza desse “algo mais”” (1991, p. 53). A exposição e interpretação desses valores “simbólicos”, que em muitos casos, são completamente desconhecidos pelo próprio artista e podem inclusive, diferir de maneira enfática do que ele conscientemente tentou exprimir, seria o objeto daquilo que poderia designar por “iconologia”, neste caso uma oposição à “iconografia”. Em suas observações Panofsky ratifica que

A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos (1991, p. 53).

Para Omar Calabrese, o conceito de Iconologia “configura-se como estruturação dos significados da obra de arte e, com isso, aparece antes de uma semiótica da arte” (1987, p. 40). Nessa linha de pensamento, Panofsky assegura que quando queremos nos expressar de maneira muito estrita (o que nem sempre é necessário na linguagem escrita ou falada de todo dia, onde o contexto geral esclarece o significado de nossas palavras), incumbe-nos distinguir entre três camadas de tema ou mensagem, sendo que a mais baixa é comumente confundida com a forma e a segunda é o domínio especial da iconografia em oposição à iconologia. Em qualquer camada que nos movamos, nossas identificações e interpretações dependerão de nosso equipamento subjetivo e por essa mesma razão terão de ser suplementados e corrigidos por uma compreensão dos processos históricos cuja soma total pode denominar-se tradição (1991, p. 63).

Panofsky concebe “a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar” (1991, p. 54). Declara também que “Iconologia, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é requisito básico de uma correta análise iconográfica” (1991, p. 54). Assegura também que

A interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias. Quando desejamos nos assenhorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos (1991, p. 62).

De acordo com Costa, “o método iconológico, segundo Panofsky, é constituído por três grandes etapas onde é necessário intervir tanto na experiência prática e sensibilidade do indivíduo, como também a sua familiaridade cotidiana com objetos e eventos” (2006, p. 02):

A primeira fase é designada de pré-iconografia ou fenomenologia e apresenta um significado natural ou primário, subdividido em fatos e expressões. Nesse momento são identificadas pelo autor da pesquisa, as formas mais puras da obra analisada, assim como os motivos e significados artísticos presentes em certas configurações de linha e cor a interpretar, existe, assim, uma leitura daquilo que vemos e uma posterior descrição que provem de uma experiência prática, de senso comum, acessível a qualquer pessoa.

O segundo momento, identificado como iconográfico pretende uma correta identificação dos motivos, imagens, histórias e alegorias portadoras de um significado secundário ou convencional. Este diz respeito ao estatuto e domínio de tudo que identificamos como os termos referidos anteriormente.

Por fim, a última fase designada de iconologia apresenta uma interpretação de intuição sintética e tendo uma familiaridade com as tendências básicas do espírito humano, sendo o seu objetivo identificar o significado intrínseco ou o seu conteúdo. Procura também a relação da imagem com a cultura da época, filosofia, religião e atitudes de uma dada sociedade ou povo que se apresentam condensados numa dada obra.

Desta maneira percebe-se que Panofsky estabelecia como objetivo principal a interpretação de todos os elementos referidos: as formas, os motivos, as imagens, as alegorias e as histórias como manifestações de princípios básicos e generalizados propostos pelo autor da obra. Orientações que serviram como fundamentação de nossa análise sobre gravuras rupestres. Além das explicações relativas às teorias descritivas e interpretativas da obra de arte, caberia uma explicação quanto a um posicionamento conceitual específico à caracterização da obra de arte propriamente dita. Para tanto, podemos considerar Carlo Ginzburg, o qual contempla “as obras de arte e os testemunhos figurativos em geral como fonte histórica *sui generis*, a análise iconográfica em muitos casos pode-se mostrar insuficiente” (1989, p. 64), impondo-se desta forma, o problema da relação entre dados iconográficos e dados estilísticos, e a importância destes últimos para fins de uma reconstrução histórica geral.

4.2 Semiótica: Linguagens e Significados

Considerada como a teoria geral dos signos, a semiótica aborda o estudo dos signos e fenômenos culturais como se fossem sistemas próprios de significação. Santaella em sua obra sobre a semiótica, afirma que seria importante notar que a imaginária exclusividade da língua, como configuração de linguagem e meio de comunicação exclusivos, é muito densamente devida a uma dependência histórica que nos levou à crença de que as únicas maneiras de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas propagadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. Também define que “o saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira

ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes” (1983, p. 02). Todavia, em todos os períodos, grupos humanos formados sempre buscaram modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, percebidos desde os desenhos nas grutas de Lascaux (complexo de cavernas ao sudoeste de França), os ritos de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimônias e até mesmo jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das inúmeras formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte, onde reconhecemos os desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia, entre outros. E, de acordo com Santaella, “quando consideramos a linguagem verbal escrita, esta também não conheceu apenas o modo de codificação alfabética criado e estabelecido no Ocidente a partir dos gregos. Há outras formas de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas estas que se limitam com o desenho” (1983, p. 02).

Em seus estudos, Santaella sintetiza que existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que difundem conceitos e que se pronunciam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, ganharam uma tradução visual alfabética, a chamada linguagem escrita. Contudo, existe concomitantemente uma enorme multiplicidade de outras linguagens que também se estabelecem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Portanto, quando proferimos linguagem, queremos mencionar uma gama incrivelmente complexa de formas sociais de comunicação e de significação que compreende a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Por fim, todos os princípios de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem proporcionam hoje uma enorme difusão (1983, p. 02).

A Semiótica, considerada a mais jovem ciência a manifestar-se no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um singular surgimento, assim como apresenta, na atual fase do seu desenvolvimento histórico, uma aparência não menos peculiar. A primeira particularidade reside no fato de ter tido, na realidade, três procedências ou sementes lançadas quase respectivamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental. Origens que segundo Santaella

Não foi senão essa consciência de linguagem em sentido amplo que gerou a necessidade do aparecimento de uma ciência capaz de criar dispositivos de indagação e instrumentos metodológicos aptos a desvendar o universo multiforme e diversificado dos fenômenos de linguagem (1983, p. 03).

Em seu trabalho sobre a obra de Panofsky, Costa afirma especificamente que o conceito iconológico “apresenta uma interpretação de intuição sintética e tendo uma familiaridade com as tendências básicas do espírito humano, sendo o seu objetivo identificar o significado intrínseco ou o seu conteúdo” (2006, p. 02-03), além de considerar que a Iconologia “procura também a relação da imagem com a cultura da época, filosofia religião e atitudes de uma dada sociedade ou povo que se apresentam condensados numa dada obra” (2006, p. 02-03). Argumentos que expressam a intenção da análise que será feita tendo com base as gravuras rupestres encontradas em rochas do sítio arqueológico *Caretas*, descobertas no município amazonense de Itacoatiara. Manifestações artísticas de um período quase desconhecido capazes de promover investigações que retratariam a cultura dos povos que um dia ocuparam aquela área.

Quanto ao aproveitamento da semiótica na arqueologia, Bars Hering afirma que “poderia ser aplicada à análise da cultura material como um todo, já que seus objetos de estudo, os signos, podem ser compreendidos como palavras, imagens, sons, gestos ou objetos” (2010, p. 23). Percebe-se que a despeito de seu amplo campo de aplicação, nos dias de hoje a semiótica normalmente é empregada de forma mais consistente, no estudo de artefatos ou estruturas que servem como base para iconografias intrincadas. De acordo com Bars Hering, “a análise iconográfica em arqueologia é de extrema importância para a compreensão de diversos aspectos que envolvem a sociedade como um todo” (2010, p. 23). Não obstante este contexto, para a arqueologia, é também de extrema relevância que a leitura destas imagens, segundo Bars Hering “leve a uma compreensão do papel dos símbolos, ou dos sistemas simbólicos, em seu contexto social, e como seus mecanismos de funcionamento proporcionam a manutenção e a construção de padrões sociais e ideologias” (2010, p. 23).

4.3 Os Símbolos e Empregos das Inscrições Rupestres

A análise da simbologia presente nas inscrições rupestres sofre com a alegação que muitos estudiosos defendem ao caracterizar que nos dias de hoje seria praticamente

impossível saber quais foram os verdadeiros autores de tais legados pré-históricos. Entretanto, conforme a reportagem eletrônica “Os significados das inscrições rupestres”, publicada na seção de cadernos especiais do suporte *online* do jornal Tribuna do Norte. Mesmo assim, diante desse contexto, ainda se pode tirar algumas conclusões. Primeiramente, é provável que tenham ocorrido dois estágios culturais. O mais primitivo estaria representado, pelos desenhos incisos. O outro estágio, mais desenvolvido, estaria caracterizado pelas pinturas que requeriam uma técnica mais complexa a elaboração de tintas. O sítio arqueológico *Caretas* poderia ser o testemunho marcante de um processo de evolução cultural.

A mesma reportagem eletrônica apresenta outra questão bastante debatida e também universal, seria justamente o significado, ou seja, o que representariam serem de fato as inscrições rupestres: arte, escrita ou símbolos religiosos. Existiria, inicialmente, uma dificuldade de como interpretar o pensamento do homem primitivo pelas pessoas que vivem no século XX. É admissível ao homem contemporâneo penetrar na mentalidade de um ser nascidos séculos e séculos atrás? Por essa razão torna-se necessário fazer um esforço para recuar no tempo e se despir da cultura na qual o pesquisador nasceu e vive.

O intrigante seria especular que tudo leva a crer que as inscrições rupestres que existem no sítio *Caretas* no município amazonense de Itacoatiara constituem de fato uma escrita. Diferente, naturalmente, de que se usa na atualidade. Mas com certeza era um instrumento de comunicação. Os autores das inscrições possivelmente desenhavam ou pintavam para transmitir uma mensagem. O seu significado se perdeu no tempo, mas alguns pesquisadores não consideram como arte, porque tais caracteres não eram produzidos para deleite espiritual, nem para expressar o belo. A razão disso seria algo simples de interpretar, o homem primitivo, pelas dificuldades que enfrentava para sobreviver, era prático e rude. Quando sentia fome procurava resolver de imediato o seu problema. Não tinha condições de praticar uma atividade voltada para o embevecimento espiritual. Havia sim, uma enorme necessidade de se comunicar.

Na antiguidade, a reprodução de um objeto através de um desenho representava a tentativa de fazer referência a algo que impressionava, de mostrar a um outro ou a uma comunidade o valor daquele objeto. Traços em formas de barras ou então círculos ou pontos poderiam significar elementos de contagem. Mas para o homem primitivo poderiam também ter outra significação qualquer. Uma conclusão pode ser considerada como certa, seria o fato que eles desenhavam ou pintavam para transmitir uma

mensagem. E naqueles tempos difíceis para a humanidade, a comunicação, certamente, era essencial para a sobrevivência de um grupo, ou mesmo de todo o gênero humano.

Além do significado das inscrições rupestres, outro ponto a ser destacado trata da verdadeira intenção das construções dos atuais sítios arqueológicos: Segundo Martin, seriam lugares de passagem? De habitação? Ou até quem sabe, santuários? (2005, p. 300). Nessa linha de abordagem, a autora, que “pela estrutura fechada das cavernas e o mistério que nelas se encerram, as cavernas paleolíticas da Europa foram consideradas os santuários pré-históricos por excelência, mas o que dizer dos remotos abrigos e paredões nada profundos dos sítios rupestres do Brasil?” (2005, p. 300). Os quais muitos deles não foram devidamente tomados por falta de condições adequadas e o homem limitou-se a habilidade de pintar e gravar suas paredes. Outros, pelo contrário, tiveram ocupação intensa e duradoura, servindo como lugar de habitação e de culto em épocas diversas. Mas, geralmente, quando os abrigos pintados foram utilizados como lugares cerimoniais, não foram simultaneamente ocupados como habitação (2005, p. 300).

Ainda quanto à ocupação, Martin menciona os abrigos que foram usados como lugares de culto e acampamentos temporários cerimoniais, a moradia dos grupos humanos seria em aldeias, fora dos abrigos pintados. Noutros casos foram utilizados simultaneamente como lugar de culto e cemitério (2005, p. 300). Martin também considera que o tipo de suporte e a estrutura são elementos essenciais e determinantes para se compreender o sítio rupestre e principalmente a sua utilização. Os abrigos localizados no alto das serras e ao longo dos rios nos sugere serem lugares cerimoniais, longe das aldeias, que deveriam estar situadas mais perto da água. Entretanto, os sítios situados em lugares de várzea, piemonte ou “brejos”, mesmo sendo também locais de culto, nos dão a nítida impressão de uma utilização habitacional, ainda que temporária, ou talvez lugar de culto perto da aldeia do grupo (2005, p. 300).

5. OLHAR ENTRECruzADO DOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS COM INTENÇÃO DE RESGATE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

Cada cultura procura deixar seu legado para posteridade através de uma linguagem específica. Os grupos étnicos que um dia controlaram a área do sítio *Caretas* deixaram mais que isso, produziram marcas históricas que nos desafiam quanto a sua verdadeira intenção, pois seriam registros de linguagem que procurava evidenciar o cotidiano de determinado povo ou suntuosas manifestações artísticas? Com o intuito de tentar responder a estas questões, elaboramos uma observação interdisciplinar das gravuras rupestres e demais registros pré-históricos explorados oficialmente em uma região reconhecida pelo potencial arqueológico, mas sem o devido processo de sondagem. Buscamos, portanto, resgatar uma parte esquecida da história do nosso estado e possibilitar elementos que desenvolvam uma cultura de preservação dos resquícios arqueológicos outrora encontrados, analisados, mas pouco evidenciados no cotidiano amazonense.

Para esta amostra apresentaremos imagens extraídas do sítio arqueológico *Caretas* (figura 13) que de acordo com o relatório Arqueologia e Turismo em Itacoatiara (2013, p. 67) tem a sigla AM-IT-31 com coordenadas E325117 N9659346 e caracterizado como sítio rupestre localizado na margem esquerda do rio Urubu, em frente ao sítio Santa Maria, ficando submerso no período da cheia do rio. O sítio se configura na maior concentração de arte rupestre da região, contendo painéis gravados, polidores, afiadores e petróglifos, cobrindo uma área total de 2360 m² na área rural do município de Itacoatiara-AM.

A reflexão pretende analisar de forma descritiva as gravuras rupestres encontradas no Sítio *Caretas* (figura 14), assim como suscitar possibilidades de interpretações quanto ao estilo de algumas gravuras distintas das demais, bem como o formato de algumas pedras que observamos como diferentes do modelo habitual, além do próprio local, o qual imaginamos representar certo mistério, considerando como ao longo de toda margem do rio ser único na disposição desse pedral, e concluímos de forma ainda no campo das especulações, como o que na verdade representou no passado aquele conjunto de rochas, um templo ou simplesmente a tentativa de uma construção abandonada pelos seus idealizadores por falta de recursos ou em função das intempéries da região, considerando as dificuldades encontradas para se distinguir e interpretar

pinturas rupestres, posto com um enorme desafio para os arqueólogos, paleontólogos e demais especialistas atraídos por esse tipo de pesquisa.

Situação que alguns acreditam que os registros deixados há milhares de anos poderiam sugerir uma forma de linguagem desenvolvida, além da probabilidade de que as representações rupestres, principalmente as descobertas no interior das cavernas, tivessem algum significado religioso ou relacionado a uma cerimônia. Invariavelmente, poderíamos reconhecer a existência de inúmeros temas sendo privilegiados na essência desse tipo de demonstração artística. Se analisarmos diretamente algumas pinturas, percebemos a produção de traços, formas circulares e também formas geométricas. Além do mais, encontramos a repetição de impressões que reproduzem mãos e pés humanos, assim como as patas de diferentes animais. Em outras expressões rupestres temos a reprodução do próprio homem, de animais e de cenas ligadas ao cotidiano que nos mostra as atividades dos grupos considerados pré-históricos.

Para a realização de seus registros, nossos ancestrais fizeram uso de uma variedade de materiais e técnicas, traçado normalmente em superfícies rochosas, os artífices rupestres faziam uso dos dedos ou de alguma ferramenta que orientasse o esboço a ser realizado. Para produzir a tinta utilizavam o carvão, fragmentos de óxido de ferro, clara de ovo, água e até mesmo sangue. Do mesmo modo, essa arte também era partilhada em diferentes períodos, os quais organizam suas mais variáveis vertentes. De acordo com Sousa em sua publicação eletrônica “A Arte Rupestre” (2009), a qual adota como referência a organização social do indivíduo. A arte rupestre pode ser fracionada em quatro grupos distintos: os “caçadores-coletores arcaicos”, os “caçadores evoluídos”, os “criadores de rebanhos” e as “sociedades complexas”. Do ponto de vista temporal, se divide no período levantino (6.000 – 4.000 A.C.), onde predominam as representações cotidianas com grande movimento, e o da arte esquemática (4.000 A.C. – 1.000 A.C.), tempo em que as formas mais abstratas ganharam espaço.

Município: Itacoatiara
Localização Geral: Rio Urubu
Localização Específica: Sítio *Caretas*
Área de Cadastro: AM-IT-31 (Itacoatiara)
Tipo de Sítio: Aberto, associado a cachoeira/rio.

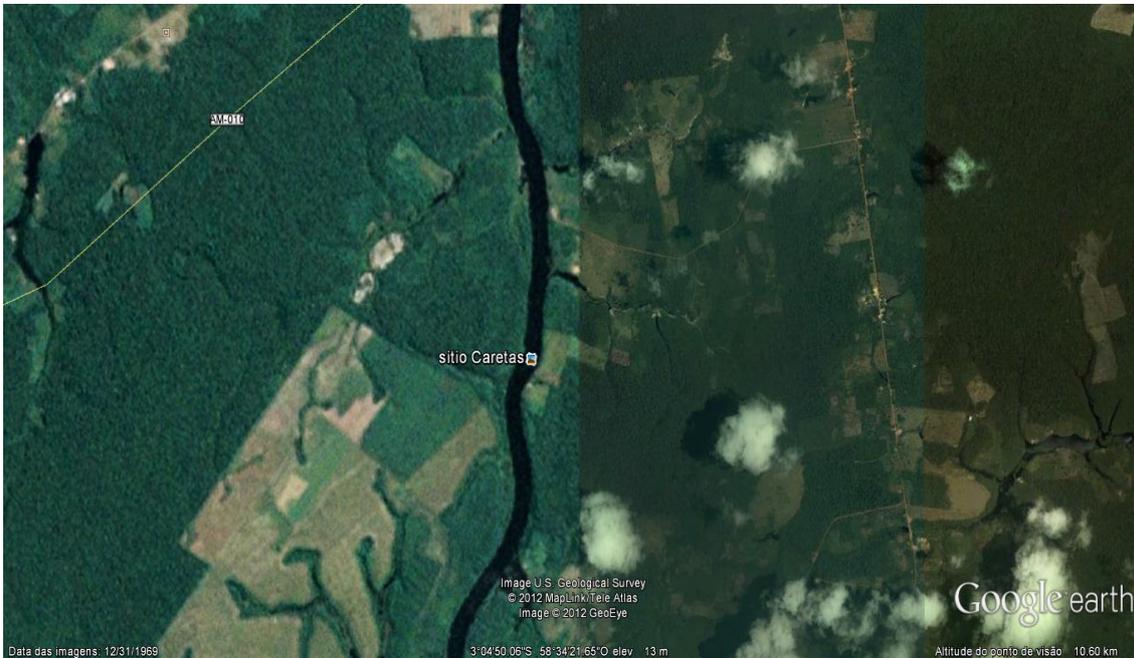


Figura 13: Localização do Sítio *Caretas* no rio Urubu em Itacoatiara AM (Fonte: Google Earth 20/10/2012).

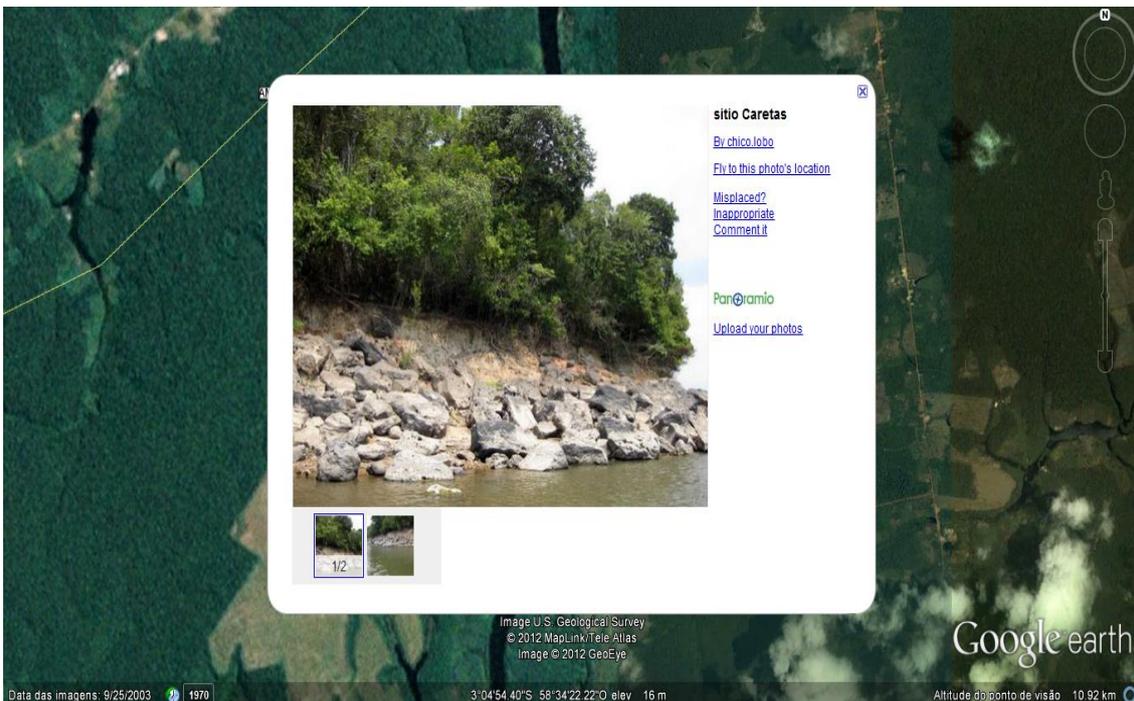


Figura 14: Localização e informações sobre o Sítio *Caretas* no rio Urubu em Itacoatiara AM (Fonte: Google Earth 20/10/2012).



Figura 15: Um das principais pedras do sítio, onde inúmeras gravuras retratam diferentes rostos ou caretas, como são conhecidas no local, figuras entalhadas em baixo-relevo algumas em formato circular e outras semicirculares (Blás Torres Neto 06/10/12).

Na pedra de arenito da figura 15 encontramos o mais expressivo registro histórico do sítio *Caretas*, onde as gravuras rupestres centrais servem como “logomarcas” para representar as demais marcas encontradas na localidade em vários trabalhos de pesquisa realizados por diversos centros especializados. Trata-se de um verdadeiro mural divulgando rostos e expressões faciais das mais distintas culturas que um dia ocuparam a região margeadas pelo escuro rio Urubu. Rocha de arenito que durante o período das cheias fica submersa e sofre gradativamente com o processo de erosão.

As expressões faciais retratadas nas rochas do sítio *Caretas* poderiam simbolizar os rostos de povos antepassados, entidades espirituais relacionadas ao sincretismo religioso, heróis míticos ou até mesmo máscaras ritualísticas. A localidade também poderia representar uma espécie de templo voltado para práticas de sacrifício, onde suas vítimas eram decapitadas e suas fisionomias gravadas para a posteridade por meio de ferramentas metálicas através dos entalhes nas consistentes pedras de arenito. Serviriam igualmente para marcar conquistas guerreiras sobre rivais beligerantes, considerando as perdas compassivas, as quais seriam homenageadas, criando desta forma uma atmosfera de um memorial para o local.



Figura 16: Observamos nesta rocha outros três rostos gravados de forma rudimentar também em baixo-relevo e traçados em formato oval (Blás Torres Neto 06/10/12).

Nas gravuras rupestres produzidas na rocha da figura 16 verificamos outros três rostos gravados de forma incipiente também em baixo-relevo e traçados em formato praticamente oval. Diferentemente de boa parte das faces encontradas no sítio arqueológico, estas demonstram claramente o desinteresse pelas formas do que queriam retratar, obviamente podemos considerar a ineficácia das ferramentas utilizadas ou mesmo a primitividade da sociedade que as confeccionou. Independente da cultura que produziu as gravuras e principalmente do período histórico, provavelmente o processo de comunicação permaneceu o mesmo.

A localidade do atual sítio arqueológico *Caretas* poderia em um passado longínquo significar em um determinado período do ano (época da vazante), um lugar de ocupação para sociedades nômades que buscavam extrair todos os recursos naturais existentes naquela paragem, a qual era abandonada após a escassez das fontes ou por causa das enchentes. Concebendo do mesmo modo, a possibilidade do local apenas significar uma jazida de arenito, sendo disputada por tribos inimigas, as quais procuravam demarcar a posse da região através das modelagens produzidas nas inúmeras pedras, sem que existisse a preocupação com a forma ou mesmo com o estilo dos membros da cultura.



Figura 17: Outro monolito bastante intrigante nesse pedral, posicionado sobre outras rochas, apresenta na sua lateral inúmeras carinhas em baixo-relevo e formato circular, algumas contendo braços e pernas esculpidos (Blás Torres Neto 06/10/12).

O monolito exposto na figura 17 exhibe uma configuração bastante intrigante, posicionado sobre outras rochas, apresenta na sua lateral, inúmeras carinhas em baixo-relevo e formato circular, algumas contendo braços e pernas esculpidos. Essas manifestações expõem marcas históricas deixadas pelos diversos povos que encontraram no local uma possibilidade de descrever seu cotidiano ou muito provavelmente propagar sua crença evidenciando através de representações peculiares, o que nos faz imaginar os diferentes formatos nas faces esculpidas representariam o talento de vários artistas de determinada cultura ou simplesmente a habilidade de um único indivíduo de uma comunidade específica e a rocha em questão serviu como um suporte para a posteridade.

Artistas do passado que estabeleceram um código linguístico capaz de ser percebido tanto pelos membros de sua sociedade, como por culturas distintas, pois não apenas no sítio *Caretas* em Itacoatiara estas marcas históricas são encontradas. As particularidades das gravuras podem ser analisadas como signos de uma mesma tribo que se espalhou por vários espaços ou como símbolos da comunicação entre comunidades que herdaram os conceitos originados de uma mesma coletividade.



Figura 18: Nesta rocha visualizamos rostos entalhados de maneira bastante sutil na lateral da pedra em formato circular, praticamente imperceptíveis, contudo, o que aguça a nossa curiosidade, seria justamente o fato do monolito estar incrustado na parede do barranco (Blás Torres Neto 06/10/12).

Na rocha da figura 18 visualizamos rostos entalhados de maneira bastante sutil na lateral da pedra em formato circular, praticamente imperceptíveis. Contudo, o que aguça a nossa curiosidade é justamente o fato do monolito estar incrustado na parede do barranco e que também apresenta na sua extremidade frontal supostamente o entalhe de uma cabeça de animal. Esta imagem nos faz pensar na intenção de seus elaboradores quando posicionaram a rocha na encosta do barranco.

Seria um adorno criado pela comunidade ou uma espécie de guardião do local, semelhante à forma como encontramos em muitas culturas da antiguidade, onde animais ferozes foram esculpidos nas fachadas de templos e na entrada das principais cidades de uma determinada civilização? Todavia, o mais intrigante seria imaginar que a rocha em questão encontrava-se posicionada na parede do barranco muito antes da chegada dos aborígenes que utilizavam a área no seu cotidiano. Impressionante também seria especular que as características visualizadas na rocha que lembram a cabeça de uma tartaruga, tratar-se-iam apenas de uma concepção causada pelo movimento das nebulosas águas do rio Urubu ou da mente prodigiosa de seus espectadores originais.



Figura 19: Observamos na rocha em detalhe, várias caretas entalhadas em baixo-relevo, cada uma com formato diferente, uma quadrada e com a boca vazada, outra semicircular e duas com feições praticamente indefinidas (Blás Torres Neto 06/10/12).

Observamos de forma descritiva, na rocha em detalhe da figura 19, várias caretas entalhadas em baixo-relevo, cada uma com formato diferente, uma quadrada e com a boca vazada, outra semicircular e duas com feições praticamente indefinidas. Se considerarmos os entalhes deixados na rocha, poderíamos idealizar que se trata de representações de uma mesma cultura que ao longo dos anos foram aperfeiçoando os pormenores das faces, chegando inclusive a inserir nas gravuras perfurações que esboçavam de maneira mais aguda os semblantes dos membros da comunidade realçada através dessas figuras cefalomorfas.

Se examinarmos com mais atenção o perfil de uma gravura esculpida no canto superior esquerdo da rocha, percebemos uma imagem completamente distinta das demais, o que suscitaria, desta forma, a possibilidade também do minério reproduzir características de outras culturas que ocuparam a região. Fato notório em algumas gravuras reproduzidas no sítio *Caretas*. No caso especial desta rocha, constituiria a interpretação da perspicácia de quem a esculpiu, idealizando que o furo na área da cavidade bucal não foi perfurado, mas sim aproveitado a partir de um processo de erosão natural.



Figura 20: Este outro monolito diferentemente dos demais apresenta uma gravura não em forma de careta, mas traços de uma gravura que lembraria uma figura antropomórfica ou zoomórfica (Blás Torres Neto 06/10/12).

Este outro monolito visto na figura 20, diferentemente dos demais, apresenta uma gravura não em forma de careta, mas apresenta traços de uma ilustração que lembraria uma figura antropomórfica ou zoomórfica. Esta gravura rupestre torna-se especial não apenas por sua peculiaridade, pois outras rochas também expressam singularidades nos desenhos esculpidos, mas principalmente por ser um esboço rico em detalhes e que muito provavelmente estaria simbolizando a caracterização de uma entidade ligada ao sincretismo religioso daquela determinada cultura indígena ou a maneira como estilizavam suas máscaras para exibirem nos rituais da tribo.

Pesquisadores como Bernardo Ramos considerariam a gravura rupestre em questão como uma nítida manifestação de culturas prósperas de nossa antiguidade, sociedades capazes de atravessar oceanos e explorar terras que durante milênios foram rotulados como inóspitas. A efígie cinzelada na rocha possivelmente retrataria a imagem de um soberano fenício, povo que segundo o arqueólogo amazonense (responsável direto pela tradução das inscrições da Pedra da Gávea no Rio de Janeiro) chegou ao litoral do continente americano por volta do século XII antes da era cristã. De acordo com o autor, os fenícios, entre outros povos desbravadores foram responsáveis pelo artifício de constituição das culturas indígenas “descobertas” pelos portugueses em 1500.



Figura 21: Outra curiosidade desse pedral, encontramos esta rocha parte submersa e com gravuras também em forma de rostos em baixo-relevo, circulares, especificando a careta do canto direito, a qual possui uma continuação em forma de espiral escondida na sua totalidade pela águas do rio (Blás Torres Neto 06/10/12).

Na figura 21 analisamos outra curiosidade desse pedral, encontramos esta rocha parte submersa e com gravuras também em forma de rostos em baixo-relevo, circulares, especificando a careta do canto direito, a qual possui uma continuação em forma de espiral escondida na sua totalidade pela águas do rio. Os rostos esculpidos exprimem detalhes quanto às possíveis expressões de personalidade ou mesmo comportamental. Percebe-se que a “careta” que segue na forma de espiral demonstra certa dor diante de algo que provavelmente o atormentava.

Durante a visita, observamos o respeito dos habitantes locais pelas águas do rio Urubu e infelizmente, no período em que esta foto foi tirada, a cheia do rio impossibilitou uma análise mais completa de todas as formas esculpidas, o que estimula uma nova inspeção e quem sabe, a manifestação de novos enigmas, expressos pela genialidade das culturas que um dia dominaram estas terras. Todavia, estudando a obra de Bernardo Ramos encontramos em uma rocha fotografada na região conhecida como Aybú, a mesma gravura rupestre em espiral, o que reforçaria a ideia de comunicação entre diferentes povos ou simplesmente a demonstração de domínio territorial da mesma nação indígena. Caracteres que poderíamos até mesmo classificar como hieróglifos.



Figura 22: Esta rocha foge completamente ao modelo das encontradas no local, percebermos duas figuras em formato triangular e levemente esculpidas em baixo-relevo, além de um provável rosto antropomórfico ou zoomórfico percebido no canto superior esquerdo (Blás Torres Neto 06/10/12).

A rocha evidenciada na figura 22 foge completamente ao modelo das encontradas no local, percebermos dois esboços em formato triangular e levemente esculpidas em baixo-relevo, representariam entidades ligadas ao sincretismo religioso da cultura que a produziu ou máscaras tribais utilizadas em rituais. Outra peculiaridade desta enorme pedra também marca uma discrepância nos modelos das caretas estilizadas no sítio arqueológico, pois notamos um rosto antropomórfico ou zoomórfico esculpido no canto superior esquerdo, o que nos faz pensar que muito antes da confecção das faces, estas rochas faziam parte de um complexo ainda mais misterioso que a própria intenção daqueles artistas ancestrais que produziram as gravuras rupestres.

A figura antropomórfica ou zoomórfica do canto superior esquerdo suscita possibilidades de interpretações ainda mais inusitadas, pois representaria fragmentos do que chamaríamos de ruínas de uma edificação dedicada provavelmente a cultos ou mesmo aos sacrifícios, lembrando os muitos artefatos e escombros desvendados em todas as partes do planeta, os quais têm levados inúmeros cientistas a questionarem se o entendimento atualmente aceito sobre as culturas pré-históricas estaria realmente correto ou necessitaria urgentemente sofrer alterações significativas.



Figura 23: Pedra também com formas inusitadas, algumas sem uma definição de formato, outras semicirculares, trabalhadas possivelmente em alto-relevo, além de inúmeras ranhuras em várias partes da rocha (Blás Torres Neto 06/10/12).

Os entalhes da figura 23 expressam formas completamente singulares das encontradas em outras rochas do sítio *Caretas*, observamos linhas que nos motiva a pensar que representariam marcas de afiamento de ferramentas ou instrumentos utilizados no cotidiano da cultura que habitou outrora aquela região. No canto superior central a face esculpida demonstra uma riqueza em detalhes de um rosto humano, destacando inclusive a tentativa de caracterizar os cabelos do modelo retratado, além de inúmeros símbolos que poderiam exemplificar simbolicamente os rituais praticados pela sociedade que ocupava o local naquele determinado período histórico.

As diversas formas e modelos entalhados na rocha em destaque representariam uma espécie de “mosaico” rupestre, pois apresenta signos capazes de gerar inúmeras interpretações, considerariamos inicialmente a utilização da rocha como esmeril para afiamento de ferramentas, principalmente pela posição que a pedra se encontra ou encontrava. Nesta rocha as faces não representam mais o interesse maior, pois as poucas que foram produzidas exibem uma configuração mais completa de outros órgãos do corpo humano. O mais intrigante seriam as várias ranhuras, algumas que se assemelham a uma cruz exposta justamente na parte frontal da rocha, fazendo lembrar expedições cristãs dispostas a catequizar os prováveis silvícolas pagãos.



Figura 24: Visão panorâmica do sítio *Caretas*, inúmeras pedras dispostas sobre a margem do rio, outras dentro d'água e o mais curioso seria indagar a possibilidade de determinadas rochas terem sido talhados com o formato quadrado e retangular que muitas apresentam (Blás Torres Neto 06/10/12).

Na figura 24 evidencia-se a disposição de como as rochas do sítio *Caretas* estão em relação à margem do rio Urubu, lembrando que determinado período do ano, exatamente na época das cheias, praticamente todas as pedras encontram-se submersas. Contudo, o que mais chama a nossa atenção é justamente o fato de uma quase simetria no corte de algumas rochas de arenito, o que foge perfeitamente a um desgaste provocado pela erosão causada pelas águas do obscuro rio.

A erosão que praticamente todas as rochas do sítio *Caretas* apresentam em função das enchentes contínuas não fugiria daquilo que chamaríamos de natural. Entretanto, observando com mais atenção, principalmente a certa distância, percebe-se cortes precisos em muitas rochas, o que levaria a pensar que foram separadas a partir de um enorme bloco. Análise que reforçaria a possibilidade do local ter sido no passado uma grande mina de arenito, onde culturas desconhecidas e avançadas extraíam o minério para ser utilizado provavelmente na construção de templos ou moradias. Hoje, contudo, o sítio *Caretas* é um patrimônio histórico e cultural e, portanto, não pode de forma alguma ser alvo de exploração comercial caso transforme-se em um "museu a céu aberto".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se verificou nas gravuras rupestres confeccionadas em rochas de arenito do sítio arqueológico *Caretas*, muitas expressões permanecem uma incógnita. Entretanto, analisar os sinais deixados pelos povos ancestrais, por meio de um olhar entrecruzado, fundamentado pela Arqueologia, Arte Rupestre, Etnolinguística, Etnoarqueologia, Iconografia, Iconologia e Semiótica, nos transporta a um passado de imaginações capazes de suscitar analogias críticas com as nossas expressões artísticas contemporâneas, as quais em muitos casos necessitamos de um conhecimento mais apurado da realidade do autor para entendermos seu verdadeiro propósito, e desde os primórdios, rotular uma obra de arte não é algo muito simples. Nessa linha de raciocínio Panofsky afirma que os escultores e os arquitetos também começaram a conceber as formas que criavam não tanto do ponto de vista de volumes isolados, e sim como um “espaço imagético”, abrangendo, embora nesse caso, o “espaço imagético” se constituísse no olho do observador, em vez de ser apresentado sob a forma de projeção pré-fabricada (1991, p. 12).

A análise interdisciplinar também oportunizou reflexões sobre os possíveis contextos em que essas linguagens foram produzidas, a simbolização e a intencionalidade de seus emissores, pois cada sociedade repassa às novas gerações todo o patrimônio cultural que recebeu de seus ascendentes. Decisivamente, cultura também pode ser chamada de herança social, e a forma mais inequívoca de se transmitir uma cultura é justamente através da linguagem. No que se refere à pesquisa apresentada neste estudo, o vocabulário manifesto por gravuras rupestres seria a possível constatação dos registros históricos de vários povos que habitaram ou ocuparam um determinado local margeado pelas águas escuras de um característico rio amazônico.

Seriam registros que também podemos considerar como uma forma de diálogo com outras culturas, pois, de acordo com Farias na reportagem eletrônica intitulada “Gravuras têm mesmo padrão em Manaus, Silves e Itacoatiara” (2010), destaca-se que os achados arqueológicos da cidade de Itacoatiara poderiam ter sido uma forma de comunicação entre os povos que habitavam a região onde hoje estão as cidades de Manaus, Itacoatiara e Silves. Poderia ter sido também uma forma de comunicação entre povos ou uma maneira de demarcar seus territórios através das marcas deixadas nas rochas, que, entretanto, com o passar dos anos, a linguagem original cedeu espaço a mudanças provocadas pelo contato com novas culturas.

Nesse contexto, Rodrigues assegura que “assim como a diversidade biológica é produto de milhares de anos de evolução, isto é, da interação entre as espécies, de migrações para novos meios ambientes, de adaptação a mudanças climáticas”, também “a diversidade etnolinguística decorre de processos seculares e milenares de dispersão de grupos humanos e de interação de uns com outros e com novos meios ambientes” (2001, p. 269). Como percebemos anteriormente, a etnolinguística reforça a especulação entre as relações de uma determinada língua empregada na constituição das linguagens pictográficas e pictóricas deste povo, representando sua visão de mundo. Nesta linha de raciocínio, Albuquerque certifica que “os estudos sobre a linguagem oferecem uma base preciosa para que possamos dar conta, não apenas da compreensão da cultura e da comunicação, mas da gênese de muitas abordagens que estão presentes nos modernos estudos sobre o tema” (2009, p. 01).

Essas observações nos faz indagar sobre questões básicas relacionadas às gravuras rupestres confeccionadas nas rochas do sítio arqueológico *Caretas*, às quais abordamos nesta exploração, na tentativa de realçar a importância registros históricos para a compreensão do processo de formação da cultura local, construindo hipóteses sobre a intenção de seus idealizadores. O certo é que não se pode atestar o significado dito como o mais correto, são no máximo possibilidades de assertivas, cujo valor de veracidade depende do grau de verificabilidade do que for apresentado como argumentação, provas ou evidências confirmadas por outras áreas do conhecimento.

Então olhar para as rochas que compõem o sítio *Caretas* e principalmente as inúmeras e em alguns casos insólitas gravuras rupestres que estampam aquele lugar margeado pelas águas do rio Urubu, nos leva às questões básicas: quem de fato as teria confeccionado? Qual a importância destas marcas para o processo de formação da cultura local? E, afinal, o que elas realmente querem nos mostrar? As verdadeiras respostas, provavelmente continuem um grande enigma, pois como observamos não se tratam apenas de inscrições elaboradas pelos povos indígenas que no passado controlaram a área, mas o próprio complexo de pedras nos questiona quanto a sua verdadeira utilidade.

Seria um antiquíssimo templo ou santuário dedicado ao sacrifício humano, evidenciando através das gravuras rupestres a decapitação de suas vítimas e que acabou sendo destruído pela violência da natureza? Um local onde as tribos se despediam de seus companheiros e, em função disso, marcavam as pedras como demonstração de respeito às suas almas, caracterizando-o como um cemitério ou mesmo um memorial

indígena? As inscrições encontradas no sítio arqueológico *Caretas* teriam sido obra de culturas que se desenvolveram na antiguidade de nossa civilização, as quais atravessaram oceanos, colonizaram terras consideradas inóspitas e desconhecidas, produzindo registros capazes de colocar em dúvida a verdadeira ordem cronológica de nossa história oficial?

Ou uma oportunidade única de uma sociedade eternizar a sua cultura, preservando sua linguagem ou sua técnica de comunicação através de uma rocha tão resistente como a sua história? O que verdadeiramente nos contempla é justamente a possibilidade de revisitarmos as nossas origens, dissecando inúmeras obras literárias, artigos científicos, reportagens eletrônicas que versam sobre assunto abordado neste trabalho, e independente do meio ou suporte consagrado, resgatarmos elementos únicos para um processo de preservação de registros que sempre estiveram lá, mas que só agora, foram devidamente reconhecidos e valorizados como um verdadeiro patrimônio. Além é claro, graças a observações com aporte interdisciplinar e caráter reflexivo, trazermos a luz da contemporaneidade, nossas próprias interpretações das enigmáticas gravuras rupestres imortalizadas no sítio arqueológico *Caretas*.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Dicionários de Cultura Popular: Em Busca de uma Identidade Nordestina**. In: Encontro Internacional de Texto e Cultura, 2009, Fortaleza - Ceará. Encontro Internacional de Texto e Cultura. Fortaleza, 2009. p. 4187-4200.

ARTE na Pré-História - Arte Rupestre - Arte Primitiva. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arterupestre/> Acesso em: 11 set. 2012.

BARS HERING, Cássia. **Semiótica Aplicada à Arqueologia Um Estudo de Caso na Área Andina**. Revista de História da Arte e Arqueologia, v. 13, p. 1-7, 2010.

BRANDÃO, Antônio Jackson de Souza. **A Imagem Nas Imagens: Leituras Iconológicas**. Em: Revista Lumen Et Virtus. Vol. I N° 2 Maio/2010.

BRUNO, Ana Carla dos Santos; SANTOS, Jonise Nunes. **Psicolinguística e Educação Indígena**. In: CABRAL, Guimarães Romy (orgs) PROIND. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2011.

CALABRESE, Omar. **A Linguagem da arte**. (Traduzido por Tânia Pellegrini). Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CASIMIRO, Luís Alberto Esteves. **Iconografia da Anunciação: símbolos e atributos**. Em: Revista da Faculdade de Letras e Ciências Técnicas do Patrimônio. I Série, Volume VII-VIII, pp.151-174, Porto: 2008-2009.

COSTA, Mariana Jorge Nobre, **Panofsky: Iconologia**. 2006. Disponível em: <http://aquele.do.sapo.pt/fbaul/3964iconologiaXX.pdf> Acesso em: 14 set. 2012.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. **Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dezembro de 2002.

FARIAS, Elaíze. **Gravuras têm mesmo padrão em Manaus, Silves e Itacoatiara**. 2010. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/amazonia/Gravuras-padroao-Manaus-Silves-Itacoatiara_0_393560677.html Acesso em: 01 out. 2012.

FARIAS, Elaíze. **Museu a céu aberto é nova atração turística na “Serpa”**. 2012. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/amazonia/Cidades-Museu-aberto-atracao-turistica-Itacoatiara-Serpa-Amazonia-Amazonas_0_740925947.html Acesso em: 01 out. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Silvio Lima; PEREIRA, Edithe. **Turismo e Arqueologia na Amazônia - Brasil: Aspectos de Preservação e Planejamento**. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 4., 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPTUR, 2007. v. 1, p. 235-250.

FUNARI, Pedro Paulo. **Desaparecimento e Emergência dos Grupos Subordinados na Arqueologia Brasileira.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 131-153, dezembro de 2002

GOUREVITCH, Aparecida. **Os Baré da Venezuela e do Brasil da Área Indígena e da Cidade-Ontem e Hoje.** CADERNOS CERU, série 2, v. 22, n. 1, junho de 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado.** Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed. 2008.

IN SITU Arqueologia. **Relatório Final – Arqueologia e Turismo em Itacoatiara/AM.** Manaus, 2013. 219 p.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística: pressupostos e tarefas.** P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em: www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp. Acesso em: 03 mai. 2013.

LIMA, Vivaldo. **A Inscrição da Gavea.** Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do “Jornal do Brasil”, 1933.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 5. ed. Recife: UFPE, 2005.

MARTINS, José dos Santos. **Itacoatiara do Ingá: prospecção de seu potencial turístico.** João Pessoa, PB: [s.n.], 2003.

MEDEL, Monica. **México descobre primeiro sacrifício de crianças na cultura tolteca.** 2007. Disponível em: http://www.nacion.com/ln_ee/2007/abril/22/aldea1070675.html Acesso em: 01 out. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 2008. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/2SF/Pesquisa_Social.pdf Acesso em: 15 set. 2012.

MONTESSERAT, Ruth. Prefácio 1985. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NEVES, Eduardo Góes. **Levantamento Arqueológico da Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas: Continuidade das Escavações, Análise da Composição Química e Montagem de um Sistema de Informações Geográficas.** Relatório de Atividades apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Processo 02/02953-7, 2003.

NEVES, Eduardo Góes. **Vestígios da Amazônia Pré-Colonial.** Revista Scientific American Brasil – Especial Arqueologia 2005.

OS SIGNIFICADOS das Inscrições Rupestres. Tribuna do Norte Online, Disponível em: http://www.tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_rn_1e.htm Acesso em: 10 mar 2014.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

PEQUENO, Eliane da Silva Souza. **Mura, Guardiões do Caminho Fluvial.** Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.133-155, jul./dez. 2006.

PEREIRA, Edithe; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Arqueologia e Turismo na Amazônia: Problemas e Perspectivas.** Cadernos do LEPAARQ - Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio., Pelotas - RS, v. II, n. 3, p. 21-36, 2005.

PEREIRA, Edithe, **Arte rupestre na Amazônia – Pará.** Museu Paraense Emílio Goeldi; Ed. UNESP, 2004.

PEREIRA, Edith. **Arte Rupestre e Cultura Material na Amazônia Brasileira.** In: PEREIRA, Edith ; GUAPINDAIA, Vera (Orgs). Arqueologia Amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, IPHAN, SECULT, 2010. V. 1. P.259-283.

PEREIRA, Edithe. **Três sítios com Arte Rupestre no Amapá, Brasil.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia , São Paulo, 14:367-377, 2004.

REIS, José Alberione dos. **"Não Pensa Muito Que Dói" - Um Palimpsesto Sobre Teoria Na Arqueologia Brasileira.** 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000317500&fd=y> Acesso em: 17 set. 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Biodiversidade e Diversidade Etnolinguística na Amazônia.** Publicado em Maria do Socorro Simões. (Org.). Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta, 1 ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001, v. 1, p. 269-278.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **O Que é Semiótica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, Francisco Jorge dos. Dossiê Munduruku – Uma contribuição para história indígena da Amazônia Colonial. **Boletim Informativo do Museu Amazônico.** Fundação Universidade do Amazonas, Manaus. AM. 1995.

SILVA, Fabíola Andréa. **A Etnoarqueologia na Amazônia: Contribuições e Perspectivas.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, jan.- abr. 2009.

SILVA, Joaquim Perfeito da. **“Arte Rupestre”: Conceito e Marco Teórico.** 2004. Disponível em: <http://rupestreweb.tripod.com/conceito.html> Acesso em: 18 set. 2012.

SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. **Inscrições e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932.

SCHAAN, Denise Pahl. **Marajoara Iconography: A Structural Approach.** 1997. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/articulos/marajoi.htm> Acesso em: 18 set. 2012.

SIMÕES, Tatiana. **Iconografia.** 2006. Disponível em: <http://aquele.do.sapo.pt/fbault/3978iconografiaXX.pdf> Acesso em: 12 set. 2012.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **A Arte Rupestre.** 2009. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/historiageral/a-arte-rupestre.htm> Acesso em: 04 mar. 2014.

SOUZA, Edson Rosa de. **Funcionalismo linguístico: Análise e descrição.** São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

SCHULTZ, Adilson. **A Violência e o Sagrado Segundo René Girard.** Protestantismo em Revista. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia. Volume 03, jan.-abr. de 2004 – ISSN 1678 6408.

VALLE, Raoni. **Registros Rupestres do Rio Negro, Amazônia Ocidental – Panorama Preliminar.** 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/32090595/Gravuras-Rupestres-No-Rio-Negro-EIAA-I-2008> Acesso: 18 set. 2012.

ANEXOS

CONTO: A NATUREZA DE UMA CERTEZA

Os últimos raios de sol desapareciam no horizonte naquele quente e fatigante dia de dezembro, mas Weyder estava apenas abrindo vagarosamente seus olhos e pensando seriamente em continuar na cama. Além do calor, tratava-se de uma famigerada segunda-feira, típico dia de preguiça e recomeço de trabalho semanal. Para Weyder Foares não, fotógrafo experiente e muito requisitado por várias instituições, preferia permanecer administrando seu próprio tempo e espaço, exercendo suas atividades como *freelancer*, aproveitando desta forma todas as possibilidades de diversão nas noites manauenses.

Boêmio convicto e profundamente irresoluto pela questão de envolvimento afetivo, Weyder, afasta-se de qualquer possibilidade de relacionamento amoroso, imaginando que jamais seria capaz de admitir uma dependência feminina. Para tanto, ostenta uma efêmera lista de “cortesãs” e subjuga seus interesses existenciais em contínuos deleites mundanos. Como para todos os mortais, a vida tem que seguir, a ressaca daquela manhã é interrompida por uma ligação inesperada, o editor de um jornal impresso solicita que o jovem mancebo acompanhe uma equipe de arqueólogos até o município de Itacoatiara, distante 256 quilômetros da capital do estado.

O objeto da pesquisa é um sítio arqueológico chamado *Caretas*, situado às margens do rio Urubu, localidade envolta por profundos mistérios e de difícil acesso, principalmente pelo receio que muitos nativos sentem em se aproximar das antiquíssimas pedras de arenito, ornamentadas por expressivas gravuras rupestres, que representam diversas faces de diferentes tamanhos e formatos. Weyder impressiona-se com o lugar e sente-se profundamente atraído pelas peculiaridades das expressões das “caretas”. Questiona-se quanto à origem e a intenção dos seus autores.

A chegada ao local traz outras surpresas ao fotógrafo, subitamente sente-se envolto por estranhas sensações e em alguns instantes visualiza momentos de um passado turbulento daquele sítio arqueológico. Ele vê “nitidamente” aquelas supostas ruínas sendo reerguidas e os verdadeiros habitantes que dominaram aquela localidade se tornam concretos. Seus supostos devaneios são interrompidos com a chegada de outra equipe ao lugar, membros da Secretaria Municipal de Cultura da cidade Itacoatiara, incluindo a própria secretária.

Filha de imigrantes alemães que haviam chegado àquela cidade do interior do estado do Amazonas no final da década de 1960, Sarah, uma belíssima ariana com esplêndidos olhos azuis e cabelos loiríssimos, impressiona qualquer ser humano, principalmente pela firmeza de suas palavras e convicção de seus atos, e de praxe, não seria diferente com o jovem fotógrafo naquela visita as águas escuras do rio Urubu.

Segundo os representantes do município, os arqueólogos não poderiam explorar a região sem uma autorização da prefeitura, e deveriam partir imediatamente do sítio e, se possível, eliminar todas as evidências do contato, incluindo os registros fotográficos produzidos por Weyder, com o que o rapaz se irrita e, de forma intempestiva, nega-se a fazê-lo, criando um impasse quase diplomático e provocando a ira da representante maior da cultura itacoatiarense.

Abrandados os ânimos, nosso fotógrafo e a equipe concordam com as prerrogativas impostas pela Secretaria e, para evitar maiores problemas, Sarah oferece hospedagem nas dependências da Prefeitura Municipal de Itacoatiara para todos os membros da equipe vinda de Manaus. Apesar de serem humildes as instalações, pelo menos parte do pagamento pelo serviço poderia ser aproveitada por Weyder no conhecimento dos prazeres das noites itacoatiarenses, e ele não perde tempo: toma um belo banho, coloca a melhor roupa da viagem e se dirige ao centro da cidade, onde as coisas realmente acontecem naquela enluarada noite de sexta-feira treze.

Apesar de não ser fã incondicional de pagode o jovem conquistador aprecia o local, pois boa parte da *high society* da cidade está presente e, para surpresa de Weyder, a secretária Sarah e duas amigas também marcavam presença. Demonstrando uma compulsividade típica de todo bom *Don Juan* e principalmente depois de passado o desconforto do primeiro contato, ele se aproxima da mesa onde Sarah está e delicadamente cumprimenta-a, assim como suas amigas: *boa noite senhoritas, posso acompanhá-las?* Em um tom bem desconfiado Sarah responde: *fique à vontade e seja bem-vindo.*

A partir desta abertura, Weyder encaminha vários galanteios à linda secretária sem se importar com a presença das outras moças. Não obstante às suas desconfianças, Sarah não refuta em aceitar a pitoresca corte de um morador da capital quando da abordagem a uma moça do interior, entretanto, Sarah nem sempre morou em Itacoatiara, pelo contrário, havia viajado por todo o mundo e conhecido inúmeras culturas, além de um interesse latente por civilizações perdidas e seus mistérios.

Foi uma noite bastante agradável, contudo, não passou de apenas um bom bate-papo, o que na verdade não frustrou Weyder e, pelo contrário, despertou sua curiosidade quanto as prováveis origens de culturas ancestrais perdidas nas areias do tempo, visto que sua racionalidade havia rechaçado quaisquer tentativas anteriores. Além desta proeza, Sarah também foi responsável pelo primeiro retorno sozinho do nosso herói para casa, fato que, sinceramente, só aumentou um súbito interesse do galanteador pela singular donzela. Na manhã seguinte, toda a equipe retorna a Manaus.

Após passar o dia todo dormindo, principalmente por conta da cansativa viagem, Weyder acorda indisposto, sem a menor vontade de “cair na gandaia” e com um desejo incontrolável de pesquisar sobre civilizações antigas. Depois de muito tempo, a balada de sábado cede lugar as impensáveis leituras sobre os Incas, Maias e Astecas. Exausto, volta a pegar no sono e começa a sonhar com fatos inusitados. O preguiçoso pesquisador agora se encontra de volta ao sítio *Caretas* só que em um período completamente desconhecido, semelhante aos devaneios que teve quando da chegada ao local.

Weyder agora atende por Tanailav Roht, líder supremo do reino de Silarebo e também governante de sua capital Geutronia, casado com Cemne Obec, irmã, esposa e pessoa de sua total confiança. Todavia, como nem tudo são flores na vida de Tanailav, pois além de travar uma guerra quase eterna com o reino de Aryl pela posse das terras margeadas pelo rio Butnacalec, o monarca sequer imagina, mas Cemne Obec, subjugada pelo irmão, planeja uma mortífera vingança, principalmente pelo fato de Tanailav ter matado seu pai para poder ascender ao trono do próspero Silarebo.

Subitamente Weyder é acordado pelo seu escandaloso telefone celular que o faz voltar à realidade. Era Júlia, sua melhor amiga e ex-namorada, que nunca se afastou daquele insequente namorado, principalmente por jamais ter deixado de amá-lo e procurando continuamente uma forma de fisgar definitivamente o agora *imperador de uma civilização esquecida nas areias do tempo*. Apesar de bastante contrariado, o eterno dorminhoco não poderia desprezar mais um convite de Júlia, tratava-se de uma feijoadada beneficente para ajudar um entidade que cuida de crianças portadoras do vírus WYD, doença degenerativa, ainda sem cura, que afeta o sistema nervoso central, causando estranhas alucinações e levando seus portadores a estados depressivos, chegando inclusive a casos de suicídio.

Ao despir-se no banheiro, percebe em suas pernas, braços, abdome e tórax inúmeras cicatrizes semelhantes às gravuras rupestres encontradas no sítio *Caretas* de Itacoatiara.

Desespera-se sem saber ao certo o que estava acontecendo. Seria fruto de sua imaginação? Ainda estaria dormindo ou teria perdido a memória quando da viagem ao interior do estado? O certo é que após uma bela *chuveirada*, confirma as incômodas marcas em seu corpo. Tenta agir naturalmente, pois Júlia já está chegando e não seria prudente expor seu desequilíbrio naquele momento.

Durante o evento, o preocupado fotógrafo esquece-se de sua principal atividade, pois onde quer que fosse sempre estava com sua moderníssima câmera. Júlia percebe a ausência e o desinteresse, e acaba questionando Weyder sobre a situação. Ele demora a inserir-se no contexto e disfarça argumentando um certo mal-estar. Indaga que gostaria de ter ficado na cama naquela tarde. A animada e fiel companheira tenta entusiasmar o apático sedutor despindo-se e mostrando-lhe seu novo biquíni, e o convida para um banho de piscina. Convite que transfigura o semblante do rapaz e o coloca em uma espécie de transe profundo.

O desmaio leva Weyder de volta a Silarebo... Tanailav Roht descansava tranquilamente em seus aposentos após uma exaustiva viagem ao reino de Sufutkra quando subitamente é acordado pelo canto inebriante de Elohimna, uma inexperiente e desajeitada serviçal do palácio. O supremo imperador, diferentemente de outros soberanos, não se incomoda com a situação e interpela Elohimna de maneira bastante graciosa... Ela fica constrangida pelo ocorrido e pede perdão de joelhos... O grandioso líder acalma-a salientando que se sentiu muito bem ao ser acordado por voz tão encantadora.

Tanailav sequer teve tempo para uma nova investida. Subitamente, Cemne Obec adentra o quarto de maneira intempestiva e profundamente incomodada com a presença de Elohimna no recinto. O aborrecimento de Cemne Obec com a criada justificava-se pelo ocorrido no dia da morte de seu pai... Elohimna fora a única testemunha do fatídico incidente, mas, infelizmente, por conta do abalo emocional, teve o que os especialistas chamam de amnésia anterógrada, ou seja, acabou por esquecer-se de tudo quanto havia presenciado, bem como dos demais fatos ou conhecimentos recém-adquiridos... E principalmente daquilo que se tornou o maior mistério do reino de Silarebo, a identidade do assassino do antigo soberano.

Após várias horas de letargia e para alívio de Júlia, Weyder recobra a consciência. Quando acorda, nota que está apenas de bermuda e desespera-se porque agora todos podem ver suas *tatuagens históricas*, mas para surpresa do encabulado fotógrafo, apenas ele consegue enxergar as marcas impressas em seu corpo, o que aumenta ainda

mais sua aflição. Confessa de forma bastante discreta e particular o que estava ocorrendo para Júlia e pede encarecidamente para ser levado para casa, pois não estava conseguindo nem mesmo dirigir.

Júlia em muitas oportunidades ouve Weyder apenas pelo prazer de sua companhia, todavia, agora o caso é bem mais grave. Em sua análise, a linda e sexy amiga, está próxima de concluir que o conquistador *interrompido* passa por algum transtorno psiquiátrico ocasionado pelas imagens esculpidas nas rochas de arenito quando da viagem ao sítio arqueológico. Deixa-o em casa e procurando aproveitar-se da situação, dispõe-se a acompanhá-lo durante toda a noite, oferta recusada de imediato pelo angustiado fotógrafo que, apesar de raramente passar mais de uma semana sem uma companhia feminina em sua cama, precisa urgentemente ficar sozinho para tentar entender o que realmente estava acontecendo.

Apesar de uma extensa pesquisa virtual e literária, Weyder não encontra nada que seja condizente com a sua conjuntura e para dar um tom de complexidade plena, não tira um só minuto da cabeça as lembranças da linda secretária de cultura do município de Itacoatiara. Profundamente frustrado, abandona as possíveis causas de suas agora confirmadas alucinações e repousa na tentativa de encontrar o sono dos justos. As novas revelações vindas durante o adormecimento fogem à rotina das anteriores. Weyder não volta a Silarebo, mas sim a Itacoatiara, exatamente ao sítio *Caretas*, e na companhia de Sarah, que, envolta em uma túnica branca, esclarece ao intrépido retratista a origem da sua atual alternância existencial.

Obstinado a esclarecer os recentes acontecimentos que resultaram em uma incomum perturbação, Weyder parte junto com os primeiros raios solares para a terra da “pedra pintada”, disposto a procurar Sarah e, pela primeira vez em sua quase promíscua vida, sair do alto do pedestal que o próprio criou e declamar aos quatro canto o seu sincero, honesto e autêntico amor. Típica cena do mais romântico dos filmes *hollywoodianos*, todavia, uma grande ironia do destino estava sendo armada para o nosso destemido galã. Ao chegar a Itacoatiara e aproximar-se da residência de Sarah, nosso apaixonado fotógrafo é surpreendido ao encontrar a inesquecível secretária de cultura aos beijos com outra moça.

Aquilo não poderia estar acontecendo, sentiu-se o pior dos seres humanos e, demonstrando uma incompletude sem precedentes, procura um lugar para se refugiar naquela tarde sombria e chuvosa. Chegando ao hotel Entre Rios joga-se na cama e, exaurido pela longa viagem de carro e principalmente desgastado pela recém-

desvirginada decepção amorosa, cai em sono profundo, sendo novamente arrastado para a cidade de Geutronia, capital do reino de Silarebo, onde o grande mistério da morte de seu antigo soberano está prestes a ser desvendado, causando uma revolução familiar, que, por muito pouco, não acaba com o reinado de Tanailav Roht.

Tanailav acompanhado de sua esposa Cemne Obec, conselheiros e criados, entre eles, Elohimna, passeava de barco pelo rio Butnacalec, contemplando suas terras recém-conquistadas quando é atacado por silvícolas conhecidos como Muraques. Diante de tamanho perigo e sem os seus principais guerreiros, Tanailav personifica-se em um exímio navegador e consegue livrar os ocupantes da embarcação do mal iminente. O ocorrido acaba gerando um novo abalo emocional em Elohimna e fazendo com que a mesma recobre as memórias bloqueadas do episódio que gerou a morte do pai de Tanailav e Cemne Obec.

Diante das lembranças recuperadas, Elohimna passa a agir como se estivesse nos aposentos de Setoos Roth, antigo governante de Silarebo. Sua aparição evidencia uma discussão entre o rei e sua filha Cemne Obec, em que a criada testemunha quando a Cemne Obec, em um momento de passionalidade pura, ataca mortalmente Setoos com um punhal, proferindo frases como “Se eu não posso ser sua... Você não será de ninguém!”... Da mesma forma que Elohimna perde as memórias daquele momento, Cemne Obec, ao ser flagrada, desenvolve um espécie de transtorno dissociativo de identidade, passando a negar para si mesma o acontecimento, inconscientemente levantando a suspeita do possível assassino de Setoos Roth, inferindo a culpa a Tanailav Roht.

Da mesma forma que a serviçal recuperou as memórias, Cemne Obec, ao ser acusada do homicídio de seu pai, reverte o processo que a levou a desenvolver a dupla personalidade e, sentindo um irreversível remorso, joga-se do barco e nada deliberadamente até as margens do rio Butnacalec, mais precisamente até a mina com rochas de arenito adjacente à capital, Geutronia. Dominada por uma ira de revolta e vingança, atira-se em uma rocha e apunhala-se mortalmente no peito, na inocente tentativa de penitenciar-se pelo fatídico evento. O local de sua morte tornou-se um espaço para homenagens à mais querida das soberanas de Silarebo. Todas as 450 pedras de arenito foram talhadas com as carismáticas expressões faciais de Cemne Obec.

Enfim o mistério das faces do sítio Caretas foi resolvido... Weyder acorda sentindo-se um privilegiado e demonstrando uma paz interior capaz de finalmente intuir de forma

clara o momento tão complexo que estava vivendo. Entretanto, a fleuma da ocasião foi dissipada pelo som da chegada de uma mensagem em seu celular, que o assombra quando da leitura do seguinte texto: “Saia! A verdade está lá fora!”. *Mas qual verdade ainda precisava ser desvendada? Não pensou duas vezes e, vestido apenas pelo calção que normalmente usava para dormir, retira-se do quarto, correndo para a varanda comum a todos os hóspedes. Percebe realmente que a sacada não estava vazia, pois havia uma estranha figura muito alta, forte com enormes cabelos brancos e um semblante que transmitia enorme serenidade.*

O exótico ser aproxima-se de Weyder e apresenta-se como Zanat Aramuk, proveniente de Sírius, um sistema duplo de astros na constelação Canis Major e principal divindade do povo de Silarebo. O alienígena objetiva seu contato e instiga o destemido fotógrafo, afirmando que ele sempre criara suas obscuridades procurando consagrar suas certezas, todavia, sendo agora realmente inquirido, mostra-se inseguro e desesperado. Afastou-se concluindo que ele precisava ascender aos seus propósitos, vislumbrando os verdadeiros benefícios das possibilidades que porventura surgissem em seu caminho... Sem forças para questionar consigo mesmo o encontro, acaba voltando para o quarto e novamente se rende aos “braços de Morfeu”.

Na manhã seguinte, Weyder desperta de um longo sono extremamente cansado e atormentado pelo *encontro* da noite anterior. Fato que gerou uma dúvida ainda maior em sua mente, principalmente pela incerteza da natureza ficcional ou realista do inusitado concílio. Enfim, independente do ocorrido e das controversas revelações sobre a origem das gravuras rupestres do sítio *Caretas*, ele precisava retornar a Manaus e corresponder aos compromissos profissionais assumidos, deixando as vicissitudes emocionais e existenciais recentes para trás, acreditando que tudo na vida tem um sentido e significado, assim como, sentia-se mais *humano* em função de finalmente ter cedido às armadilhas de um apego sentimental.

A serenidade daquele dia entorpecia nosso benevolente fotógrafo, quando, ao realizar o *check-out* na recepção do hotel, é surpreendido por uma voz quase agonizante, mas profundamente conhecida. Após ouvir uma série de desaforos de Júlia por conta do seu desaparecimento, Weyder acalenta a eterna amiga e consagra a ocasião para reconhecer os anos de devoção e assistência... Não havia mais nenhuma suspeita, Júlia era verdadeiramente a mulher de sua vida. Prepara-se para deixar Itacoatiara, obstinado a levar uma vida pautada na legitimidade de sua consciência. Todavia, antes de sair do perímetro urbano da cidade, os recém-nubentes passam em frente à casa de Sarah, a

qual estava cuidando de seu jardim. Weyder impressiona-se ao olhar para Sarah e vislumbrar as feições de Cemne Obec e ainda acolher em sua mente o insolente anúncio *vindo* da bela jardineira: “Nossa história ainda não acabou”...